

Eletrônico



Estratégia
CONCURSOS

Aula

História p/ CBM-AL (Oficial) Com videoaulas - 2019

Professor: Rosy Freire (Equipe Sérgio Henrique), Sérgio Henrique

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial.	2
1. A Conquista da América.	3
2. O Período Pré-Colonial.	4
<i>2.1. Expedições de Reconhecimento e Defesa</i>	<i>4</i>
<i>2.2. O homem Americano.</i>	<i>5</i>
3. O Início do Período Colonial.	6
4. O Açúcar, os Holandeses, a Casa Grande a Senzala.	8
5. A Escravidão e o Comércio Atlântico.	10
<i>5.1. Os Padres Jesuítas</i>	<i>11</i>
6. Conflitos entre Europeus e Indígenas na América Colonial.	13
<i>6.1. Os povos pré-colombianos: as civilizações Maia, Asteca e Incas</i>	<i>13</i>
7. O Choque de Civilizações.	16
8. Administração Colonial Portuguesa.	17
<i>8.1. O governo geral.</i>	<i>18</i>
8.1.1. Os primeiros governadores	18
8.1.2. As câmaras municipais.	18
8.1.3. As atividades econômicas complementares.	19
9. O Bandeirantismo.	21
10. Exercícios.	24
11. Considerações Finais.	81



00. BATE PAPO INICIAL.

Olá querido amigo concurseiro. Está tentando ingressar no serviço público, uma área que atrai por várias razões: Tanto pela estabilidade e possibilidades de progressão na carreira quanto pelo viés cidadão de ocupar uma vaga de um cargo importante para a sociedade. São várias as motivações pelas quais você está tentando. Um salário melhor, estabilidade para cuidar da família... enfim. São muitas coisas. E elas devem te acompanhar a todo o momento em sua preparação. É onde você encontrará **motivação** nas horas mais difíceis, quando até mesmo podemos ter a ideia absurda de desistir. A motivação é o combustível necessário para a sua preparação. Motivação associada à disciplina de estudos é a chave do sucesso.

Motivação, Disciplina e Estratégia. É o tripé do sucesso e estou aqui com a equipe **Estratégia Concursos** para levá-lo ao sucesso e alcançar seus objetivos. Vamos logo, pois não temos tempo a perder. Nosso tempo é valioso. Mas fique tranquilo. O nosso conteúdo tem uma quantidade razoável de assuntos, mas que distribuídos em bastante aulas, conseguiremos estudar tudo, bem detalhadamente, então pode conter a ansiedade. Tudo vai correr bem e foi devidamente distribuído para que você possa alcançar seu almejado sucesso. Leia e releia suas aulas. Faça e refaça seus exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. A memorização deve vir da repetição dos exercícios e do acúmulo das leituras. É a melhor forma de memorizar o conteúdo. Aos poucos e através da repetição. Caso você já domine o conteúdo teórico pode concentrar-se na resolução de exercícios. Para avaliações que demandam resultado a prática de questões é imprescindível e se tiver que priorizar alguma atividade, que seja a resolução e o estudo dos exercícios, mas lembre-se: o ideal é um ciclo completo: Leitura da teoria e prática dos exercícios.

Então vamos ao trabalho. É um convite aos estudos. Venha comigo. Vamos desmistificar a **História** e gabaritar a disciplina!



1. A CONQUISTA DA AMÉRICA.

A conquista da América é um dos episódios mais importantes da História, pois além de significar um grande avanço e expansão do capitalismo europeu, foi também um período do encontro entre a cultura europeia e a cultura dos habitantes nativos das Américas, África e Ásia. No encontro dos europeus e os indígenas, bem como ao redor do mundo, ocorreu um tremendo **choque cultural**. A colonização da América foi consequência das chamadas **grandes navegações**. Era o início da Idade Moderna. Este período caracteriza-se por transformações muito profundas na sociedade, economia e cultura. A Idade Moderna pode ser também chamada de *Antigo Regime*. Compreende o período de formação das monarquias nacionais, a expansão marítima, a colonização da América, e também do Renascimento Cultural e da Reforma Religiosa, até que as revoluções burguesas (Revolução Inglesa, Independência dos EUA e Revolução Francesa) puseram fim a esta época. Todos estes acontecimentos ocorreram entre os séculos XV e XVIII. As sociedades brasileira e latino-americana foram formadas a partir da colonização de exploração dos povos europeus, que possuíam uma visão de superioridade sobre os povos dos territórios colonizados. É a visão que chamamos de **Eurocentrismo**.



2. O PERÍODO PRÉ-COLONIAL.

2.1. EXPEDIÇÕES DE RECONHECIMENTO E DEFESA

Em 1501 saiu de Portugal a expedição comandada por Gaspar Lemos, que contava com apoio do navegador Américo Vespúcio. Em 1503 sai da cidade do Porto a expedição de Gonçalo Coelho, e em 1516 a expedição de Cristóvão Jaques. Estas expedições foram chamadas de “guarda costas”, pois o principal objetivo era proteger a costa de invasores estrangeiros, além de fazer o reconhecimento do território e seu mapeamento.

Entre 1500 e 1530 o território do Brasil não despertou um grande interesse em Portugal. Por quê? Principalmente devido ao comércio de especiaria/as com as “índias”, que eram um negócio incrivelmente lucrativo, o que diminuía o interesse pelas terras descobertas, além disso, não encontraram nenhum tipo de riqueza comercializável na Europa que fosse valorizada, exceto madeira. O único produto de maior interesse então, era o **Pau-Brasil**, que era extraído na costa e levado à Europa para extrair sua tinta, para fornecer colorantes para os tecidos manufaturados, que antes da industrialização eram caríssimos. Não era considerado um “negócio das índias”, pois não era tão lucrativo e exigia muitos esforços, então pela mentalidade mercantilista não era um bom negócio. O Estado português concedia o **monopólio** da exploração, denominado estanco.

O primeiro contato com os indígenas foi pacífico. A escravização dos nativos era combatida pela Igreja e pelo Estado português. As coroas ibéricas eram ligadas à Igreja Católica e seguiram a orientação do clero: não estimulava a escravização de nativos e inclusive criou leis que a proibiu. Se bem que nunca fiscalizou com firmeza e a escravidão indígena durante a colônia foi regra. No primeiro contato com os nativos não ocorreu a escravização do indígena, que trabalhava retirando o Pau-Brasil através do escambo.



Escambo: Também chamado “trocas naturais”. É quando ocorrem a trocas sem a presença de moedas. Por exemplo, trocar o Pau-Brasil por pequenos objetos sem valor para o europeu como espelhos, colares e afins, ou a troca de africanos para serem escravizados por tabaco e cachaça.

Alguns antropólogos se debruçaram para estudar esta relação de exploração, pois o escambo tem forte poder explicativo, mas o que poderia convencer milhares de indígenas a trabalhar para os portugueses? De acordo como o antropólogo Darcy Ribeiro, eram estabelecidas



as relações de “cunhadismo”. Os portugueses casavam-se com as indígenas, sobretudo com filhas de chefes tribais. Estabelecidos laços familiares os indígenas trabalhavam para seus “cunhados”... (Lembre-se que as tribos não eram monogâmicas, então podiam casar com várias índias e ter diversos cunhados). O produto do trabalho era armazenado nas **feitorias**, grandes construções litorâneas que tinham a função de armazéns e de fortes militares.

O português entrou em contato inicialmente com os indígenas do **tronco linguístico Tupi-guarani**. Sua organização social era baseada na propriedade coletiva, a propriedade era apenas a pessoal, como o próprio arco.

2.2. O HOMEM AMERICANO

Os portugueses encontraram durante o início da colonização indígenas organizados em **sociedades tribais**, cujo líder é o **cacique** e o líder religioso – curandeiro – é o **pajé**. Suas principais características eram:

- ✓ Pequenas populações organizadas em tribos.
- ✓ Propriedade coletiva.
- ✓ Caçadores e coletores.
- ✓ Algumas tribos dominavam uma agricultura bastante rudimentar. Deles herdamos as **coivaras**: queimadas para abrir espaço nas matas e a cultura da **mandioca**.
- ✓ Possuíam religiões animistas: cultuavam a natureza e acreditavam que seus elementos são dotados de vida.

Muitas tribos praticavam um ritual que chocou muito os europeus: A **antropofagia**, ou seja, o canibalismo. Esta prática era acompanhada de um longo ritual que poderia durar meses, e acreditavam que ao ingerir a carne do inimigo iriam adquirir suas habilidades. Os europeus nos primeiros anos do pré-colonial tinham uma visão idealizada das tribos, no início da colonização e os relatos sobre as tribos nativas, levaram ao surgimento de outra visão sobre o indígena, que foram considerados selvagens e bárbaros e que deveriam ser cristianizados. Durante todo o processo de colonização, a resistência indígena foi enorme e dificultou o estabelecimento dos portugueses, ao ponto que a coroa portuguesa proibia a escravização do indígena, mas permitia sua captura através da **Guerra Justa**, ou seja, a guerra contra as tribos que se levantavam contra os colonizadores.



3. O INÍCIO DO PERÍODO COLONIAL.



Pedro Barreto de Resende, *Retrato de Martim Afonso de Sousa*, Breve Tratado de Todos os Vice-reis, Lisboa, Museu da Marinha

A decisão de povoar o Brasil foi tomada em 1530, pois o rei mandou uma expedição com este objetivo. **Martim Afonso de Souza**, nomeado comandante da expedição, partiu para o Brasil naquele ano. Percorreu e explorou o litoral, e promoveu também incursões de reconhecimento pelo interior. Aqui permaneceu até 1533. Fundou a primeira cidade (oficialmente fundada) *São Vicente* e montou o primeiro engenho de açúcar do Brasil.

Porque colonizar?

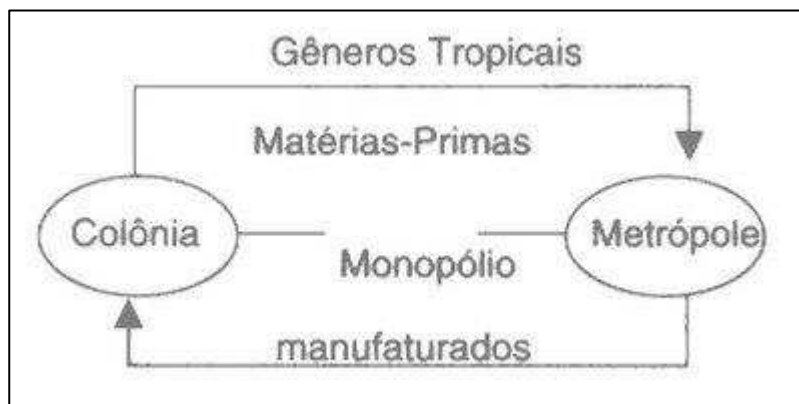
A colonização do Brasil ocorreu quase que acidentalmente. Mais precisamente às pressas, e sem um projeto definido de exploração e ocupação. O que estimulou a coroa portuguesa a colonizar nosso território foram basicamente dois motivos:

1- O comércio de especiarias com o oriente estava em decadência (devido ao aumento da concorrência internacional e a diminuição do preço dos produtos devida maior oferta).

2- A ameaça estrangeira cada vez maior, o que de fato impeliu Portugal à colonização. Éramos uma colônia de exploração, ou seja, estávamos sujeitos à uma relação de exploração de nossos recursos e dependência legal (uma colônia não possui autonomia, é administrada pela metrópole) expressos no pacto colonial.

Era o período das monarquias centralizadas e do mercantilismo, que tinha entre seus fundamentos o colonialismo. A ideia era a de que a riqueza das nações era a quantidade de metais preciosos e do volume comercial das nações. O poder das monarquias europeias residiu basicamente no domínio colonial de vastas áreas ao redor do globo. No século XV e XVI, as maiores potências marítimas comerciais eram Portugal e Espanha. O Império Lusitano era um grande império ultramarino, ou seja, com territórios coloniais pela América, costa africana (Guiné, Angola, Cabo Verde e Moçambique), e na Ásia (Calicute e Goa – Índia, Macau – China e até as ilhas do Timor e ilhas japonesas). A colônia mais importante foi sem dúvida o Brasil, considerado a galinha dos ovos de ouro de Portugal. Tínhamos a função de fornecer matérias primas, metais preciosos e produtos tropicais em geral e de mercado consumidor dos produtos manufaturados europeus. Exportávamos produtos de baixo valor agregado, matérias primas, e comprávamos produtos de alto valor agregado, os manufaturados. Era através da exploração colonial que Portugal mantinha seu superávit e bancava as dívidas de seu comércio internacional, pois a metrópole comprava tudo que consumia e nunca desenvolveu uma produção manufatureira forte que levasse ao desenvolvimento industrial português: Sempre foi uma nação essencialmente comercial e adquiriu

grandes dívidas com a Inglaterra. Ao monopólio e exclusividade de exploração da colônia, denominamos **Pacto Colonial**, como descrito no esquema abaixo:



Pacto ou Exclusivo Colonial

Era proibido produzir quaisquer produtos manufaturados na colônia. Tudo era comprado de Portugal, até pregos e quitutes. A ideia é impedir o desenvolvimento do território colonial e manutenção da dependência do consumo dos produtos da metrópole. Livros também eram proibidos de circular, para que ideias não circulassem.

Tente compreender a exploração colonial tendo em vista as características do mercantilismo que aprendemos na aula anterior: intervenção do Estado na economia, metalismo, busca de superávit (balança comercial favorável), colonialismo.



Déficit: quando o total de importações supera o total de exportações.

Superávit: quando o total de exportações supera o total de importações.

4. O AÇÚCAR, OS HOLANDESES, A CASA GRANDE A SENZALA.

A opção por cultivar a cana de açúcar ocorreu por várias razões, que vamos enumerar:

1- Havia uma grande demanda na Europa pelo açúcar e seus preços eram altos.

2- A cana é um vegetal asiático, da Índia, que possui clima quente e úmido. Adaptou-se muito bem ao clima do litoral nordestino (tropical úmido), e ao solo fértil da região (solo de massapé).



Clima tropical úmido: É o clima da região do litoral nordestino, a zona da mata. É quente e úmido e sofre influência da umidade oceânica, e no inverno da massa polar atlântica, que provoca chuvas de inverno.

Solo de Massapé: É o solo encontrado na zona da mata. Solos são rochas desagregadas, misturada com material orgânico e microorganismos. Ele é o resultado da desagregação de duas rochas: a gnaiss e o calcário. É um solo profundo e fértil.

3- O financiamento da produção, transporte, refino e distribuição no mercado europeu do açúcar era realizado por holandeses.

A opção pela cana de açúcar tinha como objetivo garantir o máximo de lucro para a metrópole, que no contexto do início da colonização, encontrava-se em crise econômica e, portanto, **transferiu os gastos da colonização para a iniciativa privada**, através das capitânias hereditárias, e, além disso, Portugal dependia do financiamento e da infraestrutura holandesa. Os flamengos (holandeses) ficavam, portanto, com as atividades mais lucrativas que envolviam o comércio internacional do açúcar. Eram responsáveis pelo financiamento, transporte, refino e distribuição. A relação com os holandeses era intensa e pacífica até 1580, quando ocorreu a **União Ibérica, a união das coroas de Portugal e Espanha**. Durante o período da União Ibérica os holandeses foram proibidos de participar da atividade açucareira no Brasil por serem inimigos da Espanha. Neste contexto invadiram Salvador, e depois Pernambuco. A expulsão dos holandeses em 1654 está ligada à decadência da cana de açúcar. Não há dúvidas da importância da atividade açucareira para a Holanda, mas vale ressaltar que nunca se ocuparam da produção. Nunca foram donos de um só engenho no Brasil, nem mesmo no período em que invadiram e permaneceram em Recife, atual capital de Pernambuco. Sempre se comprometeram com o financiamento, frete e comércio, principalmente.



Os engenhos foram instalados principalmente em Pernambuco, Bahia, pequenas faixas territoriais maranhenses e São Vicente, litoral de São Paulo. O modelo de produção adotado foi o *Plantation*, cujas características são:

- 1- **Monocultura** (só se cultivava cana de açúcar).
- 2- **Exportação** (o objetivo é atender a demanda do exterior, no caso a metrópole).
- 3- **Latifúndios** (grandes extensões de terra).
- 4- **Escravidão** (mão de obra escrava africana).



5. A ESCRAVIDÃO E O COMÉRCIO ATLÂNTICO.

A escravidão africana foi adotada pois era um negócio extremamente lucrativo pois a demanda de braços era tão grande quanto a demanda por açúcar. “*Por que não escravizar o índio?*”, você se pergunta, mas deve se lembrar de que a Igreja Católica se posicionou através de Bulas Papais e na expansão e colonização da América, contra a escravidão do **gentio** (nativo, indígena). E não movimentava um mercado tão lucrativo e estruturado, como era o comércio de africanos.

Quanto ao negro, a escravidão era denunciada por alguns religiosos, mas como um todo era tolerada e aceita, e em todo o período colonial e durante o império brasileiro, era o sustentáculo da economia e elemento fundamental na organização da sociedade, pois todo o trabalho braçal, inclusive o de vestir seus senhores, era realizado por um cativo. A demanda por braços para o trabalho era muito grande, ao ponto de Portugal não conseguir atender a demanda. Isso gerou o comércio atlântico que fugia ao controle de Portugal: O tráfico negreiro. Era praticado um comércio marítimo muito intenso no Atlântico Sul, que representa uma falha no pacto colonial: A demanda de escravos era tamanha, que as companhias de comércio portuguesas não conseguiam atendê-la, o que levou a uma iniciativa de luso-brasileiros a dedicarem-se a atividades escravagistas. As grandes fortunas da elite colonial brasileira eram formadas principalmente por traficantes de escravos, cujas fortunas eram maiores que as dos senhores de engenho. Observe a imagem e perceba o seguinte: Em teoria eram os portugueses que deveriam adquirir africanos para serem escravizados e abastecer o mercado de escravos brasileiros, mas diante de tamanha demanda surgiu o fluxo comercial Brasil-África. Ele teoricamente não deveria existir devido ao monopólio comercial português, então é uma falha no pacto colonial. Apesar de ser proibido na lei, este comércio era conhecido e tolerado pela coroa portuguesa, diante da necessidade de abastecimento da colônia.



Os africanos escravizados eram transportados nos navios negreiros, cuja mortalidade era tão alta, que foram apelidados de **navios tumbeiros**. Eram “descarregados” no litoral, nos mercados de escravos, onde eram vendidos, e dali seguiam para as fazendas. Para evitar a comunicação e as rebeliões, separavam as famílias e as tribos. Alguns historiadores calculam que a cada 100 africanos capturados, chegavam em torno de 12 no destino final, que eram os engenhos açucareiros.

Durante todo o tempo em que ocorreu a escravidão (1530-1888), ocorreu também a resistência africana. Resistiam através de suicídios, abortos, levante contra seus senhores, fugas e a formação de Quilombos. Durante as invasões holandesas ocorreram conflitos com os colonos que entraram em guerra na primeira invasão na Bahia. Durante a resistência dos colonos, muitas fazendas foram destruídas e fugiram muitos africanos, o que estimulou muito o surgimento de quilombos, dentre eles o mais conhecido, o **quilombo dos palmares**.

5.1. OS PADRES JESUÍTAS



VICTOR MEIRELLES: *Primeira missa no Brasil*, 1860.
Óleo sobre tela, 268 x 356 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Os Padres da *Cia. De Jesus* eram também conhecidos como **soldados de batina**. O apelido é porque a ordem jesuítica possuía uma organização e preparo militar, e por seu fundador, Inácio de Loyola, ter sido oficial militar. Fundavam no Brasil (e em todo o mundo colonial português) as Missões jesuíticas, incumbidas de catequizar os nativos e protegê-los nas **Missões, ou colégios jesuíticos**. Não foram raras as situações em que expedições de **bandeirantismo** atacavam as missões querendo escravizar seus indígenas, que já eram cristianizados e ensinados ao trabalho. As missões jesuíticas ocuparam além do litoral, o sul do Brasil na fronteira com argentina, e

principalmente na região amazônica. As missões jesuíticas tiveram um importante papel na ocupação do nosso território, muitas vezes servindo à Portugal como ponto de demarcação de fronteiras. Ao longo do rio Amazonas, foram penetrando no interior. Essas missões amazônicas treinavam e usavam os indígenas como mão de obra (não escrava), para coletarem as **drogas do sertão**. Drogas do sertão eram ervas medicinais, coletadas em meio à floresta e vendidas para a Europa. Eram valiosas como as especiarias asiáticas.





6. CONFLITOS ENTRE EUROPEUS E INDÍGENAS NA AMÉRICA COLONIAL.

Perceba que no século XVI ocorreram coisas muito importantes ao mesmo tempo: Consolidação do absolutismo (monarquias nacionais), Reforma Religiosa, Contrarreforma, Renascimento Cultural e Colonização da América.

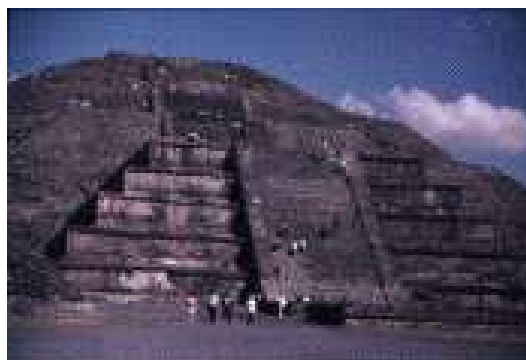
Os Pioneiros nas Grandes Navegações foram Portugal e Espanha. A chegada dos Espanhóis na América ocorreu no mesmo ano do início de suas navegações: 1492. Os Portugueses chegaram ao Brasil em 1500 e a colonização começou em 1530, com a implantação da lavoura de Cana de Açúcar. Os portugueses e espanhóis se depararam com um território fantástico aos olhos europeus, e que era habitado por populações muito exóticas ao olhar eurocêntrico europeu. A população nativa que habitava o território Espanhol era bastante diferente da encontrada pelos portugueses no litoral atlântico.

6.1. OS POVOS PRÉ-COLOMBIANOS: AS CIVILIZAÇÕES MAIA, ASTECA E INCAS

Os Espanhóis depararam-se com grupos indígenas que possuíam sociedades bastante organizadas e que formavam impérios, com expansão e conquista militar sobre outros povos locais, com grandes cidades que eram de uma arquitetura impressionante, e possuíam grandes pirâmides e sistemas de dutos e barragens e saneamento básico. Possuíam cálculos matemáticos avançados, calendários e escrita própria (com exceção dos Incas). Os Maias e Astecas localizavam-se entre o México e América Central. Os Incas formaram um Império na América do Sul, ao longo da Cordilheira dos Andes. Essas três civilizações são chamadas de povos pré-colombianos (antes de Cristóvão Colombo). Apesar das particularidades de cada uma delas, podemos estabelecer como características comuns:

- ✓ **Sociedades Teocráticas** (O imperador é considerado Deus).
- ✓ Todas as terras e **propriedades são do Estado**.
- ✓ **Sociedades agrícolas** (praticavam agricultura avançada).
- ✓ Construção de **grandes obras hidráulicas** como canais, dutos e barragens.
- ✓ **Cálculos matemáticos avançados** que possibilitaram o desenvolvimento da astronomia e calendários.
- ✓ Uma arquitetura desenvolvida, com a **construção de grandes pirâmides**.





Construções complexas como pirâmides na cidade de Teotihuacan, atual cidade do México.

Apresentavam também alto grau de organização urbana. Contavam com saneamento básico, coisa que não havia ainda na Europa do século XVI.

Os Maias e Astecas possuíam escrita. As três civilizações tinham como principal modelo arquitetônico as pirâmides. Cálculo, arquitetura, astronomia, calendário, escrita, metalurgia e um artesanato que denuncia uma arte original e cheia de detalhes.



Pictografia asteca: uma espécie de escrita hieroglífica, ou seja, cada desenho possui um significado.

Cidade de Machu Picchu no Peru. Os Incas construíram um grande império na cordilheira dos Andes.



Dos três povos, somente os Incas não tinham alfabeto, mas realizaram façanhas no cálculo, desenvolvendo inclusive aparelhos de contagem, os quipús, e construíram a fabulosa cidade de pedra no altiplano andino, **Machu Picchu**.



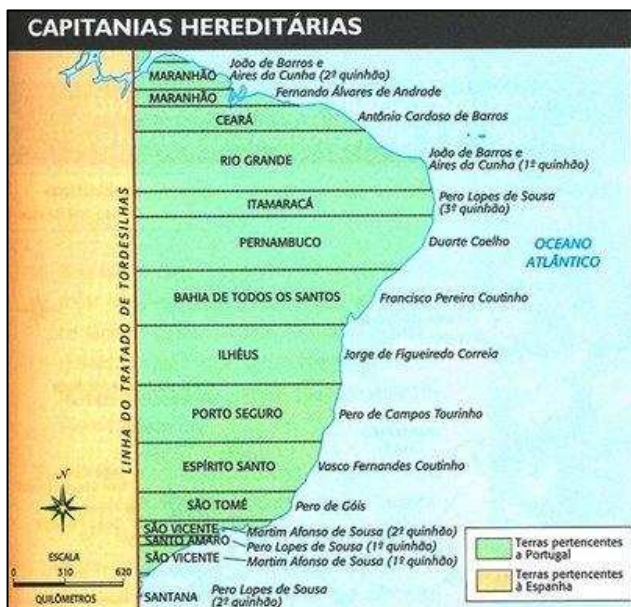


7. O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES.

Os europeus encontraram civilizações muito diferentes das que conheciam. Eram dominados por um profundo sentimento de superioridade ao que chamamos **etnocentrismo**, o sentimento de superioridade de um grupo étnico sobre o outro. Neste caso por ser uma sensação de superioridade entre os europeus e os nativos da América, chamamos **eurocentrismo**. Os espanhóis e portugueses se depararam com povos muito diferentes. Os primeiros depararam-se com os povos pré-colombianos. Os primeiros povos com que os europeus tiveram contato foram os Maias e Astecas, que em muitos aspectos superavam os avanços técnicos europeus, notavelmente as cidades com saneamento. Mas como podemos dizer, os Incas, Maias e Astecas foram conquistados pela “cruz e a espada”. Um destaque à violência e extermínio destas populações e a participação da colonização espiritual dos nativos. Os povos encontrados pelos portugueses no litoral encontravam-se num nível de desenvolvimento técnico menor. Eram, sobretudo os tupis. Hoje os povos nativos foram dizimados. No Brasil sua população é pequena e distribuída nas reservas indígenas, sobretudo na região norte. Na América Latina existem povos remanescentes, sobretudo as comunidades que permaneceram mais tempo isoladas na cordilheira dos Andes.



8. ADMINISTRAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA.



As Capitanias hereditárias foram a primeira forma de divisão administrativa pela qual passou o Brasil. Portugal tentou transferir os gastos da colonização para a iniciativa privada. Concedia territórios a serem governados com amplos poderes a quem os recebesse, pois se tornava Capitão Donatário, ou seja, o Capitão responsável pela Capitania Hereditária. Do litoral até a linha imaginária do tratado de Tordesilhas, em sentido **latitudinal** (horizontal) foram criadas 15 capitanias. Foram entregues a 12 donatários (aparentemente não era um bom negócio: Difícil, perigoso e com vantagens duvidosas). Entre os donatários não

figurava nenhum nome da alta nobreza ou do grande comércio de Portugal, o que mostrava que o empreendimento não era economicamente atraente. Somente alguns elementos da pequena nobreza que haviam enriquecido através de negócios recentes com o oriente. Gente “miúda”.

Os donatários vinham com dois documentos jurídicos emitidos pelo próprio rei: A **carta de doação** e o **foral**. Nos dois documentos o rei praticamente abria mão de sua soberania e conferia aos donatários amplos poderes. E tinha de ser assim, pois os donatários deveriam desenvolver a terra às próprias custas **o regime de capitanias hereditárias transferia para a iniciativa particular a tarefa de povoar e investir no Brasil**. Porém, em razão da dimensão colossal da tarefa e da escassez de recursos, a maioria falhou. Ainda houve aqueles que preferiram não arriscar sua fortuna, e nem vieram tomar posse de sua capitania. Somente a Capitania de Pernambuco obteve êxito, além do sucesso **temporário** de São Vicente. Estava claro que o povoamento e a valorização econômica da terra por meio da iniciativa particular eram inviáveis. As capitanias fracassaram (mas não foram extintas, só no século XVIII, pelo Marquês de Pombal, que estudaremos mais a frente). Não só devido ao elevado investimento necessário, mas também pela distância da metrópole, pela resistência dos indígenas e pela elevada **descentralização**.



TOME NOTA!

Carta de doação: O rei declarava a doação e tudo o que ela implicava, como por exemplo, os amplos poderes do capitão donatário.

Foral: Era uma espécie de código tributário que estabelecia impostos e deveres como o de conceder as **Sesmarias**.

Sesmarias: Grandes propriedades de terra que eram concedidas pelo donatário, a quem se interessasse desde que fosse católico e se comprometesse a cultivar cana. Podiam ter muitos milhares de hectares. Essas grandes propriedades doadas do início da colonização até a época da independência estão na matriz da distribuição da terra que temos hoje no país, calcada ainda no **latifúndio**. 1% do número de propriedades rurais ocupam 50% do espaço agrícola.

8.1. O GOVERNO GERAL

Diante do fracasso das capitanias, em 1548 foi criado o **Governo Geral**, através de um instrumento jurídico denominado Regimento de 1548 ou Regimento de Tomé de Souza. A criação do Governo Geral tinha como objetivo a **centralização política e administrativa**, mas **não aboliu o regime de capitanias**. A sede administrativa do governo geral seria a cidade de Salvador, que se tornou a primeira capital do Brasil. O governador geral tinha a obrigação de centralizar a administração, estimular o povoamento, proteger as capitanias contra as adversidades e destacava a luta contra a resistência tupinambá. Foram criados também, para auxiliar o governo, os cargos de **Ouvidor-Mor** (justiça), **Provedor-Mor** (finanças) e **Capitão-Mor** (Defesa).

8.1.1. Os primeiros governadores:

- ✓ **Tomé de Souza** (1549-1553). Foi primeiro governador Geral. Com ele vieram todos os funcionários necessários à administração e também os **primeiros jesuítas**. Teve início então a obra de evangelização dos indígenas. É criado o **primeiro Bispado do Brasil**: o Bispado de Salvador, sob a responsabilidade do Bispo D. Pero Fernandes Sardinha.
- ✓ **Duarte da Costa** (1553-1558). Enfrentou várias crises em seu governo. Teve que enfrentar os primeiros conflitos entre povoadores e jesuítas em torno da escravidão indígena, além disso, foi durante seu governo que a França iniciou a tentativa de estabelecer a *França Antártica* no Rio de Janeiro.
- ✓ **Mem de Sá** (1558-1572). Consolidação do governo Geral e expulsão dos Franceses.

8.1.2. As câmaras municipais:

As dificuldades de contato entre as diferentes regiões e a capital Salvador, criavam uma situação em que o **localismo político** era estimulado. Os poderes e os homens do Estado Português estão sempre muito longes, então os principais centros de decisão eram de fato as **Câmaras Municipais**. Elas se localizavam nas Vilas mais importantes. Os poderes locais eram representados pelos grandes proprietários, que se autodenominavam “**homens bons**”.



A administração colonial era bastante complicada, principalmente devido à dificuldade de locomoção (o litoral brasileiro é planáltico e com vegetação de Mata atlântica), devido à carência de infraestrutura, então inclusive era difícil fazer cumprir-se o **exclusivo colonial**. Mais mudanças estariam por vir na administração colonial. Portugal em 1580 passa por uma crise sucessória em seu trono, e o reino português é unificado ao reino espanhol. É o período conhecido como **União Ibérica**, que durou de 1580 até 1640.

8.1.3. As atividades econômicas complementares:



As principais atividades destacadas nos mapas são:

- 1- O cultivo tradicional da **cana de açúcar** no litoral;
- 2- A **pecuária**;
- 3- As **Drogas do Sertão**.

No século XVIII tem início o ciclo da mineração em MG e MT (estudaremos este tópico em detalhes nas aulas a seguir), além da produção de **algodão** no Maranhão. Apesar de não estar destacada nestes mapas, havia uma importante produção de **tabaco** na Bahia, que era usado como elemento de troca por escravos africanos que eram conseguidos através do escambo. (Os escravos eram trocados por tabaco e aguardente). Podemos citar as atividades de sertanismo, também chamadas de *Bandeirantismo*.

Pecuária: Era a principal atividade complementar da colônia, pois fornecia carne, couro e transporte. Era realizada mais ao interior do território brasileiro, onde encontrou a vegetação da Caatinga e o **Cerrado**. A pecuária desenvolveu-se principalmente nas regiões de cerrado por suas sempre verdes pastagens naturais. E uma coisa diferenciava fundamentalmente a pecuária das outras atividades: **O uso de mão de obra livre, normalmente indígena**. O vaqueiro, como era chamado, recebia sua remuneração em filhotes das crias.





9. O BANDEIRANTISMO.

As bandeiras eram expedições com objetivos comerciais e privados. Não eram as únicas expedições que ocorriam em nosso território. Havia as expedições de reconhecimento enviadas pela coroa, que eram chamadas **Entradas**. A atividade dos bandeirantes, iniciaram em São Vicente. A capitania, nos primeiros anos de ciclo do açúcar, junto com Pernambuco foram as únicas que tiveram sucesso. No entanto a atividade açucareira logo entrou em decadência (principalmente devido à distância maior de Portugal, o que encarecia o frete, além disso, o açúcar pernambucano era de melhor qualidade). Os paulistas viram-se obrigados a dedicar-se a uma atividade econômica alternativa, que foi o bandeirismo. Havia basicamente três tipos de expedições bandeirantes:

- ✓ **Bandeirismo de Contrato:** Grupos contratados para capturar escravos fugidos e destruir quilombos.
- ✓ **Bandeirismo de Preação ou apresamento:** Expedições cujo objetivo era capturar indígenas e escravizá-los. (Por isso sempre entravam em conflito com os padres jesuítas que os protegiam).
- ✓ **Bandeirismo de Prospeção:** Expedições para buscar jazidas ouro, prata ou pedras preciosas. Foram os paulistas que encontraram o ouro no início do século XVIII, dando início ao ciclo da mineração.

Como a movimentação pelo território era muito difícil devido as florestas e relevo planáltico, os rios ocupavam uma posição de destaque para viabilizar as expedições. Eram chamadas de **Monções**, as expedições bandeirantes feitas por rio.



- ✓ **A conquista da América.**
 - Choques culturais.
 - Etnocentrismo/eurocentrismo
 - Antigo Regime: Antigo Sistema colonial.
- ✓ **Pré-colonial.**
 - Não ocorreu colonização nos 30 primeiros anos. Sem produtos valiosos.
 - Pau Brasil: Monopólio, escambo, trabalho indígena.
 - Indígena não foi escravizado, relações relativamente harmônicas.



- **Antropofagia:** Ingerir para adquirir as qualidades dos inimigos.
- Indígenas: sem propriedade, tribos, caça, pesca coleta, coletivismo, coivara e agricultura primitiva da mandioca.
- ✓ **O Período Colonial.**
 - 1530: Martin Afonso de Souza: 1º engenho e expulsão de estrangeiros.
 - Ameaça de Invasão estrangeira e queda do comércio com as Índias.
 - Mercantilismo e pacto colonial.
- ✓ **Açúcar.**
 - Alta demanda, preços altos, financiamento dos holandeses, clima (tropical úmido) e solo (massapê) favoráveis.
 - **Plantation:** Latifúndio, monocultura, exportação e mão de obra escrava africana.
- ✓ **Escravidão:**
 - Escravo africano: comércio triangular atlântico. (Brasil, África, Portugal).
 - Atlântico Sul: Tráfico de escravos (falha no pacto colonial).
 - Escambo (cachaça e tabaco), escravidão tribal africana.
 - Navio negreiro: Tumbeiro – alta mortalidade.
- ✓ **Jesuítas:**
 - Sodados de Batina, Cia de Jesus – Reforma religiosa: concílio de Trento.
 - Catequização do indígena, colégios (missões, aldeamentos) jesuítas, expandir a fé católica.
 - Ocupação amazônica e região sul: Drogas do sertão e os 7 povos das missões.
 - Defensores dos indígenas. Conflitos com os bandeirantes.
- ✓ **Povos pré-colombianos:**
 - Incas, Maias e Astecas.
 - Impérios teocráticos, servidão coletiva, grandes templos, cálculos, calendários.
 - Cidades mais desenvolvidas que as europeias.
- ✓ **Colonização espanhola:**
 - 1492 Colombo, circunavegação.
 - Colonização com a Cruz e a Espada. Dizimação dos nativos.
 - Encontraram em pouco tempo metais preciosos.
- ✓ **Administração colonial portuguesa.**



- Capitâneas hereditárias, carta de doação, foral.
- Sesmarias: povoar a terra. Origem da grande propriedade.
- Não deram certo: descentralização e resistência indígena.
- Governo geral: centraliza as capitâneas, salvador.
- Câmaras municipais. Homens bons.

✓ **Atividades econômicas complementares.**

- Pecuária, tabaco, algodão, drogas do sertão e bandeirantismo.
- Bandeiras de prospecção (ouro), preação (índio) e captura (escravos e quilombos).
- Monções: expedições fluviais.
- Entradas: expedições oficiais de reconhecimento.





10. EXERCÍCIOS.

1. (Fatec 2015)

De acordo com o historiador Stuart B. Schwarcz, durante o período da colonização, havia um ditado popular que dizia: “Sem açúcar, não há Brasil; sem a escravidão, não há açúcar; sem Angola, não há escravos”.

(<http://tinyurl.com/njyvll6> Acesso em: 30.06.2014.)

Esse ditado traz elementos que permitem concluir que a organização colonial

- A) dependia da produção de açúcar para exportação, produzido com trabalho de escravos.
- B) era baseada na policultura de subsistência, para alimentar a grande população escrava.
- C) utilizava-se do trabalho escravo, para garantir a produção de gêneros industrializados.
- D) desenvolvia a economia do Brasil e de Angola, pois ambos dividiam os lucros do açúcar.
- E) era baseada no trabalho assalariado, porém utilizava escravos nas atividades domésticas.

Comentários

O ditado deixa claro uma tripla dependência: a Colônia precisa de Angola para fornecer escravos, dos escravos para produzir açúcar e do açúcar para ter lucro. Logo, a Colônia se organizava a partir da produção de Açúcar, no modelo de *plantation* (latifúndio monocultor, agroexportador e escravista).

Está errada a [B] pois era monocultura.

A [C] porque a sociedade era agrária.

A [D] porque o açúcar só era produzido aqui e Angola era para captura de africanos e a [E] o trabalho era somente escravo.

Gabarito: A

2. (Fatec 2012)

"Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda."

(ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, p. 89.)

No trecho citado, parte de uma obra publicada em 1711, o jesuíta Antonil:

- A) torna evidente que o trabalho escravo constituiu a base da exploração econômica em setores essenciais da economia colonial.
- B) fornece argumentos para o combate movido pela Igreja contra a escravização de indígenas e africanos nos domínios coloniais portugueses.
- C) explica por que a escravidão foi importante no empreendimento açucareiro, mas teve papel secundário e marginal na exploração mineradora.



D) justifica a brandura da escravidão no Brasil e sugere uma explicação para a “democracia racial” predominante na sociedade colonial brasileira.

E) condena as tentativas de introduzir trabalhadores livres, trazidos da Europa, para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café.

Comentários

A economia colonial brasileira estava totalmente atrelada à mão de obra escrava negra. Sem os escravos, a economia perdia sua principal base de sustentação.

Estão erradas a [B], pois não fornece argumentos para a igreja, a [C] pois a escravidão foi essencial na colônia seja na lavoura ou na mineração.

A [D] a escravidão não foi nada branda e a [E] porque Antonil escreveu no século XVIII e o ciclo do café foi no Império em meados do século XIX.

Gabarito: A

3. (Uepb 2014)

Considerando a realidade da América Portuguesa nas três primeiras décadas do século XVI, é correto afirmar:

A) A expedição exploradora de Gaspar de Lemos, em 1501, implantou o sistema de Capitanias Hereditárias para garantir o desenvolvimento da cana de açúcar.

B) A Coroa Portuguesa proibiu o estanco do pau-brasil, já que a madeira era contrabandeada por franceses e ingleses.

C) As expedições de Cristovão Jackes, em 1516 e 1526 não tinham caráter militar, nem combateram estrangeiros. Tinham a função específica de reconhecer o território e implantar as feitorias.

D) A atividade desenvolvida com autorização da Coroa Portuguesa foi a extração de pau-brasil, uma atividade nômade e predatória, que não tinha a finalidade de promover o povoamento.

E) A mão de obra indígena foi pouco explorada e bastante valorizada pelos portugueses, que presenteavam os nativos com objetos de grande valor no mercado europeu.

Comentários

O ciclo do pau-brasil, feito a partir do trabalho livre indígena, não gerou a formação de núcleos urbanos de povoamento, promoveu apenas a fundação de feitorias pelo litoral brasileiro.

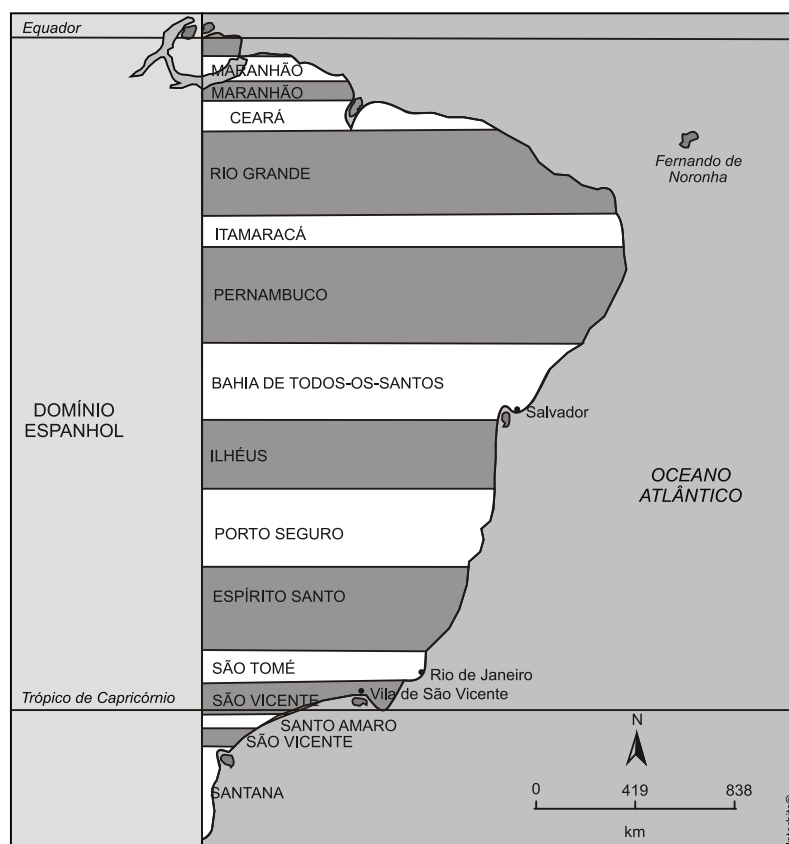
Está errada a [A] pois as capitanias foram criadas com a colonização depois de 1530, a [B] estanco é monopólio, e o comércio colonial era à base de monopólios, a [C] porque as expedições antes da colonização são “guarda costas” entre elas a de Jaques, e a [E] apesar da defesa da Igreja e apoio da coroa, a mão de obra indígena foi escravizada sistematicamente.

Gabarito: D



4. (Uftm 2012)

Observe o mapa.



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

- A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.
- B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.
- C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.
- D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.
- E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

Comentários

O processo de expansão marítima europeia, no decorrer do século XV, contrapôs interesses econômicos e políticos de portugueses e espanhóis. Em junho de 1494, Portugal e Espanha



assinam o Tratado de Tordesilhas, a partir de um meridiano localizado a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde, demarcando as possessões portuguesas e espanholas no Novo Mundo. O sistema de Capitanias Hereditárias foi criado em 1534 pelo rei de Portugal, D. João III, visando a colonização efetiva do território brasileiro.

Gabarito: C

5. (Ufmg 2010)

Leia este trecho do documento:

Eu el-rei faço saber a vós [...] fidalgo de minha casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitanias e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa santa fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meus serviços e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes [...]

É CORRETO afirmar que, nesse trecho de documento, se faz referência:

- A) à criação do Governo Geral, com sede na Bahia.
- B) à implantação do Vice-Reinado no Rio de Janeiro.
- C) à implementação da Capitania-sede em São Vicente.
- D) ao estabelecimento de Capitanias Hereditárias, no nordeste.

Comentários

A criação do Governo Geral pelo rei de Portugal em 1548, foi motivada pelo fracasso do sistema de capitanias hereditárias adotado para promover a colonização e administração do Brasil. Com a implantação do Governo Geral, promoveu-se a centralização administrativa da colônia, mas sem que fossem suprimidas as capitanias.

Gabarito: A

6. (Vunesp 2014)

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

- A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.
- B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.
- C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.
- D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.
- E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.





Comentários

Em 1534, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias, lotes de terras entre o litoral e a linha de Tordesilhas. Estas terras foram doadas aos donatários que eram nobres portugueses incumbidos de iniciar o processo de colonização. Havia dois documentos relativos as capitanias hereditárias, a “Carta de Doação” que consistia em um documento que dava direito ao donatário de explorar a sua capitania e o “Foral” que estabelecia os direitos e deveres dos donatários. Cabia aos donatários, entre outros, a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos e doação de sesmarias.

Gabarito: E

7.

Os vestígios dos povos Tupi-guarani encontram-se desde as Missões e o rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências ainda mal conhecidas no sul da Amazônia. A leste, ocupavam toda a faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem (no rio da Prata) no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia. Evitam as terras inundáveis do Pantanal e marcam sua presença discretamente nos cerrados do Brasil central. De fato, ocuparam, de preferência, as regiões de floresta tropical e subtropical.

PROUS. A. *O Brasil antes dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2005.

Os povos indígenas citados possuíam tradições culturais específicas que os distinguiam de outras sociedades indígenas e dos colonizadores europeus. Entre as tradições tupi-guarani, destacava-se:

- A) a organização em aldeias politicamente independentes, dirigidas por um chefe, eleito pelos indivíduos mais velhos da tribo.
- B) a ritualização da guerra entre as tribos e o caráter semissedentário de sua organização social.
- C) a conquista de terras mediante operações militares, o que permitiu seu domínio sobre vasto território.
- D) o caráter pastoril de sua economia, que prescindia da agricultura para investir na criação de animais.
- E) o desprezo pelos rituais antropofágicos praticados em outras sociedades indígenas.

Comentários

As tribos Tupis-guaranis, que ocuparam grande parte do território brasileiro, conforme é descrito no texto, possuíam as características básicas dos nativos do Brasil, vivendo principalmente da agricultura rudimentar – que tinha como complemento a caça e pesca – praticada de forma nômade ou seminômade. A guerra teve certa importância para as tribos, porém, diferentemente de outros povos, não era a atividade que garantia poder ou controle sobre outros povos. A prática da antropofagia era comum e tinha caráter ritualístico, religioso, uma vez que acreditavam que a





ingestão da carne de inimigos mortos lhes fortaleceria. Não há dúvidas, toda a alternativa está correta. O que há de errado nas outras alternativas?

- (A) O chefe - cacique - não era eleito.
- (C) Eram essencialmente guerreiros mas não dominaram diretamente vários territórios, pois a guerra indígena tinha outro caráter que não a dominação direta de territórios.
- (D) A economia não era agropastoril e sua agricultura era rudimentar, de mandioca e abóbora.
- (E) A antropofagia era praticada por quase todas as tribos do ramo linguístico tupi.

Gabarito: B

8.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios.

CAMINHA, P. V. Carta. RIBEIRO, D. et al. *Viagem pela história do Brasil: documentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (adaptado).

O texto é parte da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, documento fundamental para a formação da identidade brasileira. Tratando da relação que, desde esse primeiro contato, se estabeleceu entre portugueses e indígenas, esse trecho da carta revela a:

- A) preocupação em garantir a integridade do colonizador diante da resistência dos índios à ocupação da terra.
- B) postura etnocêntrica do europeu diante das características físicas e práticas culturais do indígena.
- C) orientação da política da Coroa Portuguesa quanto à utilização dos nativos como mão de obra para colonizar a nova terra.
- D) oposição de interesses entre portugueses e índios, que dificultava o trabalho catequético e exigia amplos recursos para a defesa da posse da nova terra.
- E) abundância da terra descoberta, o que possibilitou a sua incorporação aos interesses mercantis portugueses, por meio da exploração econômica dos índios.

Comentários

O etnocentrismo pressupõe a avaliação de um determinado grupo social a partir de valores de outro. Neste caso, o europeu, partindo de seus valores, analisa as características físicas, costumes e o comportamento do indígena. O etnocentrismo não manifesta, necessariamente, o preconceito de forma acintosa ou explícita, mas uma visão sobre o outro. A visão de Caminha é de grande surpresa diante de novos povos com traços fisionômicos e culturais tão diferentes. São estranhos



para o europeu. Vamos sem dúvida na D. Quando o etnocentrismo é europeu chamamos eurocentrismo. O que há de errado nas outras alternativas?

- (A) O primeiro contato narrado por caminha foi pacífico.
- (B) O trecho não fala de recursos para dominar o território militarmente.
- (C) Desde a chegada dos portugueses a igreja se posicionou contra a escravidão indígena, no que foi seguida pelo Estado português, pois estavam unidas pelo regime de padroado.
- (E) O trecho não fala da exploração econômica, e quando ela ocorreu na colonização, com a implantação do cultivo do açúcar, a mão de obra explorada era a africana.

Gabarito: D

9. (Fuvest 2016)

Eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado e aumento dos senhorios de V. A. E tudo se encerrava em vós, Senhor, trabalhades com modos honestos de fazer que esta gente não houvesse de entrar nem possuir coisa de vossas navegações, pelo grandíssimo dano que daí se podia seguir.

Serafim Leite. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, 1954.

O trecho acima foi extraído de uma carta dirigida pelo padre jesuíta Diogo de Gouveia ao Rei de Portugal D. João III, escrita em Paris, em 17/02/1538. Seu conteúdo mostra:

- A) a persistência dos ataques franceses contra a América, que Portugal vinha tentando colonizar de modo efetivo desde a adoção do sistema de capitanias hereditárias.
- B) os primórdios da aliança que logo se estabeleceria entre as Coroas de Portugal e da França e que visava a combater as pretensões expansionistas da Espanha na América.
- C) a preocupação dos jesuítas portugueses com a expansão de jesuítas franceses, que, no Brasil, vinham exercendo grande influência sobre as populações nativas.
- D) o projeto de expansão territorial português na Europa, o qual, na época da carta, visava à dominação de territórios franceses tanto na Europa quanto na América.
- E) a manifestação de um conflito entre a recém-criada ordem jesuíta e a Coroa portuguesa em torno do combate à pirataria francesa.

Comentários

Como o texto afirma no trecho “eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado”, as tentativas de invasão da França na América Portuguesa constituíam fator de preocupação para o governo português. Invadiram o Brasil por duas vezes, no rio de Janeiro (França antártica) e Maranhão





(França equinocial). O rei da França não reconheceu o tratado de Tordesilhas. De cara letra A. Basicamente interpretativa. O que há de errado nas outras?

(B) Portugal e França não foram aliadas contra Espanha, e sim concorrentes pelo território do Brasil.

(C) Não havia conflitos entre os Jesuítas, que antes de tudo eram da mesma ordem religiosa. A atuação jesuítica foi mais intensa em terras portuguesas e espanholas.

(D) A França na época até o século XVI não tinha colônias na América. Tardamente coloniza a Guiana, na América do Sul.

(E) A Igreja e o Estado português eram unidos pelo regime de padroado. Os jesuítas vieram na colonização em auxílio.

Gabarito: A

10.

Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

“Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro”, Bahia apud DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. In: CATELLI JR., R. *Um olhar sobre as festas populares brasileiras*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de:

- A) exclusão social.
- B) imposição religiosa.
- C) acomodação política.
- D) supressão simbólica.
- E) ressignificação cultural.

Comentários

O Congado, ou Festa do Rei Congo, é um movimento de sincretismo religioso realizado no Brasil desde os tempos coloniais. A festa é uma mistura de cultos católicos e africanos, na qual se comemora, ao mesmo tempo, a vida de São Benedito, o encontro de Nossa Senhora do Rosário e a vida do negro Chico-Rei.

Gabarito: E





11.

A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, P M.A *primeira historia do Brasil*: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada, demonstra a:

- A) simplicidade da organização social das tribos brasileiras.
- B) dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.
- C) superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.
- D) incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.
- E) dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.

Comentários

Os portugueses enxergaram os indígenas de maneira etnocêntrica, medindo o povo indígena a partir dos seus próprios valores. Por isso, a crítica à falta de fé, lei e rei.

Gabarito: D

12.

Iniciou-se em 1903 a introdução de obras de arte com representações de bandeirantes no acervo do Museu Paulista, mediante a aquisição de uma tela que homenageava o sertanista que comandara a destruição do Quilombo de Palmares. Essa aquisição, viabilizada por verba estadual, foi simultânea à emergência de uma interpretação histórica que apontava o fenômeno do sertanismo paulista como o elo decisivo entre a trajetória territorial do Brasil e de São Paulo, concepção essa que se consolidaria entre os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

MARINS, P. c. G. Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. *Revista do LEB*, n. 44, tev. 2007.

A prática governamental descrita no texto, com a escolha dos temas das obras, tinha como propósito a construção de uma memória que:

- A) afirmava a centralidade de um estado na política do país.
- B) resgatava a importância da resistência escrava na história brasileira.
- C) evidenciava a importância da produção artística no contexto regional.
- D) valorizava a saga histórica do povo na afirmação de uma memória social.
- E) destacava a presença do indígena no desbravamento do território colonial.





Comentários

Na chamada República Oligárquica, o estado de São Paulo buscava ocupar um lugar de hegemonia na política nacional, uma vez que já comandava a economia brasileira devido ao ciclo do café. Assim, o uso da figura do bandeirante nas obras de arte foi uma forma de legitimar essa hegemonia.

Gabarito: A

13.

TEXTO I

O príncipe D. João VI podia ter decidido ficar em Portugal. Nesse caso, o Brasil com certeza não existiria. A Colônia se fragmentaria, como se fragmentou a parte espanhola da América. Teríamos, em vez do Brasil de hoje, cinco ou seis países distintos. (José Murilo de Carvalho)

TEXTO II

Há no Brasil uma insistência em reforçar o lugar-comum segundo o qual foi D. João VI o responsável pela unidade do país. Isso não é verdade. A unidade do Brasil foi construída ao longo do tempo e é, antes de tudo, uma fabricação da Coroa. A ideia de que era preciso fortalecer um Império com os territórios de Portugal e Brasil começou já no século XVIII. (Evaldo Cabral de Mello)

1808 – O primeiro ano do resto de nossas vidas. *Folha de S. Paulo*, 25 nov. 2007 (adaptado).

Em 2008, foi comemorado o bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nos textos, dois importantes historiadores brasileiros se posicionam diante de um dos possíveis legados desse episódio para a história do país. O legado discutido e um argumento que sustenta a diferença do primeiro ponto de vista para o segundo estão associados, respectivamente, em:

- A) Integridade territorial – Centralização da administração régia na Corte.
- B) Desigualdade social – Concentração da propriedade fundiária no campo.
- C) Homogeneidade intelectual – Difusão das ideias liberais nas universidades.
- D) Uniformidade cultural – Manutenção da mentalidade escravista nas fazendas.
- E) Continuidade espacial – Cooptação dos movimentos separatistas nas províncias.

Comentários

Os textos versam sobre a unidade territorial brasileira, buscando entendê-la – ou não – como legado da vinda da Família Real para o Brasil. O primeiro fragmento afirma ser um legado e o segundo fragmento refuta essa ideia.

Gabarito: A





14.

Os holandeses desembarcaram em Pernambuco no ano de 1630, em nome da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), e foram aos poucos ocupando a costa que ia da foz do Rio São Francisco ao Maranhão, no atual Nordeste brasileiro. Eles chegaram ao ponto de destruir Olinda, antiga sede da capitania de Duarte Coelho, para erguer no Recife uma pequena Amsterdã.

NASCIMENTO, R. L. X. A toque de caixas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, n. 70, jul. 2011.

Do ponto de vista econômico, as razões que levaram os holandeses a invadirem o nordeste da Colônia decorriam do fato de que essa região:

- A) era a mais importante área produtora de açúcar na América portuguesa.
- B) possuía as mais ricas matas de pau-brasil no litoral das Américas.
- C) contava com o porto mais estratégico para a navegação no Atlântico Sul.
- D) representava o principal entreposto de escravos africanos para as Américas.
- E) constituía um reduto de ricos comerciantes de açúcar de origem judaica.

Comentários

Durante o chamado período da União Ibérica, quando Portugal e Espanha passaram a ser governados pelo mesmo Monarca, os Países Baixos (Holanda), então uma possessão espanhola, decretaram sua Independência. O Rei espanhol, Filipe II, em retaliação, proibiu todas as possessões espanholas – incluindo o Brasil – de fazer comércio com sua antiga possessão. Os holandeses, reagindo a isso, decidiram invadir o Nordeste brasileiro para não perder os lucros advindos da venda do açúcar brasileiro na Europa, pois esse comércio já era feito por intermédio dos Países Baixos.

Gabarito: A

15.

A transferência da corte trouxe para a América portuguesa a família real e o governo da Metrópole. Trouxe também, e sobretudo, boa parte do aparato administrativo português. Personalidades diversas e funcionários régios continuaram embarcando para o Brasil atrás da corte, dos seus empregos e dos seus parentes após o ano de 1808.

NOVAIS, F. A.; ALENCASTRO, L. F. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Os fatos apresentados se relacionam ao processo de independência da América portuguesa por terem

- A) incentivado o clamor popular por liberdade.
- B) enfraquecido o pacto de dominação metropolitana.



- C) motivado as revoltas escravas contra a elite colonial.
- D) obtido o apoio do grupo constitucionalista português.
- E) provocado os movimentos separatistas das províncias.

Comentários

A vinda da Família Real para o Brasil foi o primeiro passo do processo de Independência da Colônia, uma vez que elevou o status do Brasil, invertendo a posição de Portugal e Brasil no pacto colonial, e deu aos colonos uma autonomia de ação inédita.

Gabarito: B

16.

Áreas em estabelecimento de atividades econômicas sempre se colocaram como grande chamariz. Foi assim no litoral nordestino, no início da colonização, com o pau-brasil, a cana-de-açúcar, o fumo, as produções de alimentos e o comércio. O enriquecimento rápido exacerbou o espírito de aventura do homem moderno.

FARIAS, S. C. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

O processo descrito no texto trouxe como efeito o(a):

- A) acumulação de capitais na Colônia, propiciando a criação de um ambiente intelectual efervescente.
- B) surgimento de grandes cidades coloniais, voltadas para o comércio e com grande concentração monetária.
- C) concentração da população na região litorânea, pela facilidade de escoamento da produção.
- D) favorecimento dos naturais da Colônia na concessão de títulos de nobreza e fidalguia pela Monarquia.
- E) construção de relações de trabalho menos desiguais que as da Metrópole, inspiradas pelo empreendedorismo.

Comentários

O litoral colonial sempre foi mais populoso e desenvolvido que o interior, seja por uma questão de solo e clima para a prática agrícola, seja pela necessidade de escoar a produção e/ou extração colonial para a Europa pelos portos.

Gabarito: C

17.

Quando Deus confundiu as línguas na torre de Babel, ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque, ainda que todos falassem e todos ouvissem, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel, houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas, já se conhecem mais de cento e cinquenta. E assim, quando lá chegamos, todos



nós somos mudos e todos eles, surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho serão necessários para que esses mudos falem e esses surdos ouçam.

VIEIRA, A. Sermões pregados no Brasil. In: RODRIGUES, J. H. *História viva*. São Paulo: Global, 1985 (adaptado).

No decorrer da colonização portuguesa na América, as tentativas de resolução do problema apontado pelo padre Antônio Vieira resultaram na:

- A) ampliação da violência nas guerras intertribais.
- B) desistência da evangelização dos povos nativos.
- C) indiferença dos jesuítas em relação à diversidade de línguas americanas.
- D) pressão da Metrópole pelo abandono da catequese nas regiões de difícil acesso.
- E) sistematização das línguas nativas numa estrutura gramatical facilitadora da catequese.

Comentários

Na relação entre colonizadores – em especial os com função catequizadora – e os indígenas brasileiros a questão linguística constituiu significativa barreira. Para ultrapassá-la e conseguir concretizar o objetivo da catequização, os padres jesuítas promoveram diversas adaptações na linguagem indígena, buscando torná-la mais fácil gramaticalmente.

Gabarito: E

18.

O índio era o único elemento então disponível para ajudar o colonizador como agricultor, pescador, guia, conhecedor da natureza tropical e, para tudo isso, deveria ser tratado como gente, ter reconhecidas sua inocência e alma na medida do possível. A discussão religiosa e jurídica em torno dos limites da liberdade dos índios se confundiu com uma disputa entre jesuítas e colonos. Os padres se apresentavam como defensores da liberdade, enfrentando a cobiça desenfreada dos colonos.

CALDEIRA, J. A nação mercantilista. São Paulo: Editora 34, 1999 (adaptado).

Entre os séculos XVI e XVIII, os jesuítas buscaram a conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa aproximação dos jesuítas em relação ao mundo indígena foi mediada pela:

- A) demarcação do território indígena.
- B) manutenção da organização familiar.
- C) valorização dos líderes religiosos indígenas.
- D) preservação do costume das moradias coletivas.
- E) comunicação pela língua geral baseada no tupi.





Comentários

Os padres jesuítas tiveram maior contato com os indígenas do litoral brasileiro, que pertenciam ao troco linguístico *tupi-guarani*. Nesse sentido, o domínio – por parte dos jesuítas – da língua tupi foi fundamental para a convivência e o contato.

Gabarito: E

19.

De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

A carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

- A) Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.
- B) Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.
- C) Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.
- D) Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.
- E) Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.

Comentários

Ao afirmar que "o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar essa gente", Caminha demonstra que o português buscava, através da catequese, "civilizar" o indígena, considerado selvagem por não ter "fé, lei nem Rei".

Gabarito: A

20.

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar.

COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 1984.



O documento destaca um aspecto cultural relevante em torno da conquista da América, que se encontra expresso em:

- A) Deslumbramento do homem branco diante do comportamento exótico das tribos autóctones.
- B) Violência militarizada do europeu diante da necessidade de imposição de regras aos ameríndios.
- C) Cruzada civilizacional frente à tarefa de educar os povos nativos pelos parâmetros ocidentais.
- D) Comportamento caridoso dos governos europeus diante da receptividade das comunidades indígenas.
- E) Compromisso dos agentes religiosos diante da necessidade de respeitar a diversidade social dos índios.

Comentários

O texto ressalta a importância educacional que os padres davam no contato com os indígenas. Podemos destacar as frases “*repetem logo o que a gente diz*” e “*para que aprendam a falar*”.

Gabarito: C

21.

É preciso ressaltar que, de todas as capitanias brasileiras, Minas era a mais urbanizada. Não havia ali hegemonia de um ou dois grandes centros. A região era repleta de vilas e arraiais, grandes e pequenos, em cujas ruas muita gente circulava.

PAIVA, E. F. *O ouro e as transformações na sociedade colonial*. São Paulo: Atual, 1998.

As regiões da América portuguesa tiveram distintas lógicas de ocupação. Uma explicação para a especificidade da região descrita no texto está identificada na:

- A) apropriação cultural diante das influências externas.
- B) produção manufatureira diante do exclusivo comercial.
- C) insubordinação religiosa diante da hierarquia eclesiástica.
- D) fiscalização estatal diante das particularidades econômicas.
- E) autonomia administrativa diante das instituições metropolitanas.

Comentários

A capitania de Minas Gerais era a *menina dos olhos* de Portugal devido à exploração aurífera que abastecia os cofres portugueses. Por isso, a fiscalização sobre esta capitania era extremamente rígida, visando o não prejuízo português. Essa fiscalização e a estrutura para a exploração do ouro fizeram com que a urbanização de Minas Gerais fosse diferente da de outras capitanias.

Gabarito: D





22.

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. A presença da Corte implicava uma alteração do acanhado cenário urbano da Colônia, mas a marca do absolutismo acompanharia a alteração.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995 (fragmento).

As transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro em decorrência da presença da Corte estavam limitadas à superfície das estruturas sociais porque

A) a pujança do desenvolvimento comercial e industrial retirava da agricultura de exportação a posição de atividade econômica central na Colônia.

B) a expansão das atividades econômicas e o desenvolvimento de novos hábitos conviviam com a exploração do trabalho escravo.

C) a emergência das práticas liberais, com a abertura dos portos, impedia uma renovação política em prol da formação de uma sociedade menos desigual.

D) a integração das elites políticas regionais, sob a liderança do Rio de Janeiro, ensejava a formação de um projeto político separatista de cunho republicano.

E) a dinamização da economia urbana retardava o letramento de mulatos e imigrantes, importante para as necessidades do trabalho na cidade.

Comentários

De fato, apesar de todas as mudanças promovidas por d. João VI no Brasil, a herança escravocrata não sofreu alterações durante a presença do monarca português aqui. Então, enquanto crescíamos economicamente, em termos sociais não ocorreram alterações significativas.

Gabarito: B

23.

Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, n.º 12, dez./jan./fev. 1991-92 (adaptado).

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a:

A) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.

B) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.



- C) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- D) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- E) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

Comentários

O texto nos remete a uma situação muitas vezes ignorada, que os africanos provinham de nações diferentes, que possuíam hábitos e língua diferentes. O senso comum do brasileiro parte de uma ideia geral de africano, baseada principalmente na cor da pele. Destaca também que as condições de cativeiro, que para todos os escravos eram iguais, acabou por criar um elo entre os escravos, visto que na mesma senzala estavam pessoas de regiões diferentes que, aos olhos de proprietários e capatazes, eram todos iguais, seres inferiores, objetos de trabalho.

Gabarito: A

24.

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951 (adaptado).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e

- A) a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.
- B) a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.
- C) o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.
- D) o papel dos senhores na administração dos engenhos.
- E) o trabalho dos escravos na produção de açúcar.

Comentários

Apesar de considerado como de difícil leitura, as alternativas facilitam a obtenção da resposta. O texto retrata todo o processo de sofrimento de Cristo e, na colônia, somente pode ser relacionado com a vida e trabalho do escravo. Enquanto, para muitos, na época o africano escravizado era



apenas um objeto de trabalho ou um ser sem alma que, portanto, poderia ser escravizado, o Padre Antonio Vieira faz um tratamento diferenciado, de cunho religioso, apesar de justificar a escravidão.

Gabarito: E

25.

Dos senhores dependem os lavradores que têm partidos arrendados em terras do mesmo engenho; e quanto os senhores são mais possantes e bem aparelhados de todo o necessário, afáveis e verdadeiros, tanto mais são procurados, ainda dos que não têm a cana cativa, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso receberam.

ANTONIL, J. A. *Cultura e opulência no Brasil [1711]*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987 (adaptado).

Segundo o texto, a produção açucareira no Brasil colonial era:

- A) baseada no arrendamento de terras para a obtenção da cana a ser moída nos engenhos centrais.
- B) caracterizada pelo funcionamento da economia de livre mercado em relação à compra e venda de cana.
- C) dependente de insumos importados da Europa nas frotas que chegavam aos portos em busca do açúcar.
- D) marcada pela interdependência econômica entre os senhores de engenho e os lavradores de cana.
- E) sustentada no trabalho escravo desempenhado pelos lavradores de cana em terras arrendadas.

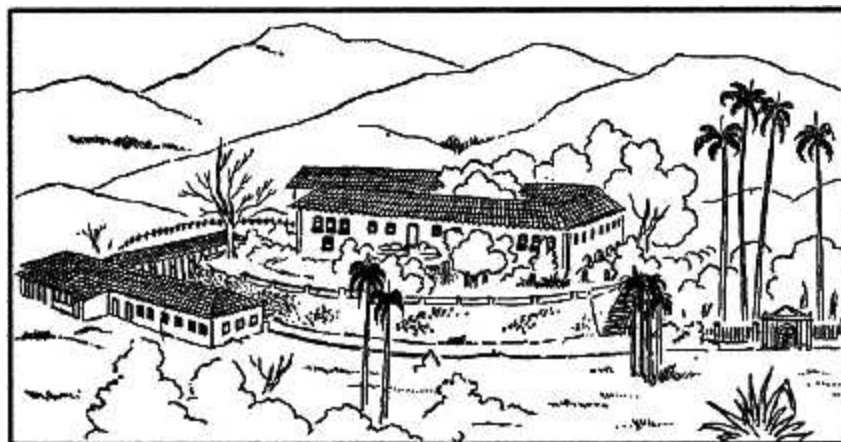
Comentários

A produção açucareira no Brasil dependia, fundamentalmente, dos trabalhadores braçais que exerciam todas as etapas da produção do açúcar, desde a plantação da cana até o branqueamento do produto final. O senhor de engenho, apesar de dono das terras e das máquinas, não tinha lucro se não tivesse trabalhadores.

Gabarito: D



26.



FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Gramma com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Esta organização do espaço representa uma:

- A) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.
- B) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.
- C) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.
- D) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.
- E) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país.

Comentários

A imagem deixa claro que a “casa-grande” encontra-se no “centro” da fazenda, assim como o “senhor de engenho” era o “centro” daquela sociedade, destacando, assim, o caráter patriarcalista da mesma. Também do “centro” da fazenda, o senhor podia observar e comandar todos os outros segmentos do seu engenho, mantendo tudo sob o seu comando direto.

Gabarito: C

27.

A experiência que tenho de lidar com aldeias de diversas nações me tem feito ver, que nunca índio fez grande confiança de branco e, se isto sucede com os que estão já civilizados, como não sucederá o mesmo com esses que estão ainda brutos.

NORONHA, M. Carta a J. Caldeira Brant. 2 jan. 1751. Apud CHAIM, M. M. *Aldeamentos indígenas* (Goiás: 1749-1811). São Paulo: Nobel, Brasília: INL, 1983 (adaptado).

Em 1749, ao separar-se de São Paulo, a capitania de Goiás foi governada por D. Marcos de Noronha, que atendeu às diretrizes da política indigenista pombalina que incentivava a criação de aldeamentos em função:



- A) das constantes rebeliões indígenas contra os brancos colonizadores, que ameaçavam a produção de ouro nas regiões mineradoras.
- B) da propagação de doenças originadas do contato com os colonizadores, que dizimaram boa parte da população indígena.
- C) do empenho das ordens religiosas em proteger o indígena da exploração, o que garantiu a sua supremacia na administração colonial.
- D) da política racista da Coroa Portuguesa, contrária à miscigenação, que organizava a sociedade em uma hierarquia dominada pelos brancos.
- E) da necessidade de controle dos brancos sobre a população indígena, objetivando sua adaptação às exigências do trabalho regular.

Comentários

Apesar de considerado como um “déspota esclarecido”, uma pessoa ilustrada, influenciada pelas ideias iluministas, Pombal era líder de um governo metropolitano que entendia o Brasil como área a ser mais bem explorada e criou mecanismo para ampliar a exploração. Vale lembrar que antes de adotar tal política para os índios, Pombal promoveu a expulsão dos jesuítas, por diversas razões; uma delas, o fato de representarem um obstáculo ao controle do Estado sobre as comunidades indígenas.

Gabarito: E

28.

Próximo da Igreja dedicada a São Gonçalo nos deparamos com uma impressionante multidão que dançava ao som de suas violas. Tão logo viram o Vice-Rei, cercaram-no e o obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para sua idade quanto posição. Tivemos nós mesmos que entrar na dança, por bem ou por mal, e não deixou de ser interessante ver numa igreja padres, mulheres, frades, cavalheiros e escravos a dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões “Viva São Gonçalo do Amarante”.

BARBINAIS, Le Gentil. *Nouveau Voyage autour du monde*. Apud: TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000 (adaptado).

O viajante francês, ao descrever suas impressões sobre uma festa ocorrida em Salvador, em 1717, demonstra dificuldade em entendê-la, porque, como outras manifestações religiosas do período colonial, ela

- A) seguia os preceitos advindos da hierarquia católica romana.
- B) demarcava a submissão do povo à autoridade constituída.
- C) definia o pertencimento dos padres às camadas populares.
- D) afirmava um sentido comunitário de partilha da devoção.
- E) harmonizava as relações sociais entre escravos e senhores.





Comentários

Questão de interpretação de texto, que envolve a religiosidade no Brasil colonial, já marcada pelo sincretismo quando se percebe a presença de escravos em uma manifestação católica, essa já caracterizada pela dança, influência africana.

Gabarito: D

29.

Em teoria, as pessoas livres da Colônia foram enquadradas em uma hierarquia característica do Antigo Regime. A transferência desse modelo, de sociedade de privilégios, vigente em Portugal, teve pouco efeito prático no Brasil. Os títulos de nobreza eram ambicionados. Os fidalgos eram raros e muita gente comum tinha pretensões à nobreza.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. (São Paulo: Edusp; Fundação do Desenvolvimento da Educação).

Ao reelaborarem a lógica social vigente na metrópole, os sujeitos do mundo colonial construíram uma distinção que ordenava a vida cotidiana a partir da

- A) concessão de títulos nobiliárquicos por parte da Igreja Católica.
- B) afirmação de diferenças fundadas na posse de terras e de escravos.
- C) imagem do Rei e de sua Corte como modelo a ser seguido.
- D) miscigenação associada a profissões de elevada qualificação.
- E) definição do trabalho como princípio ético da vida em sociedade.

Comentários

No Brasil colonial, o “ser senhor de engenho” era título que muitos queriam, porque o “status” social daquela época estava relacionado com o “ter terras” e “possuir escravos”. Sendo assim, a distinção social também era baseada nesses termos.

Gabarito: B



30.



Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em: 26 jul. 2010.

Sem formação acadêmica específica em artes visuais, Heitor dos Prazeres, que também é compositor e instrumentista, é reconhecido artista popular do Rio de Janeiro. Suas pinturas de perspectivas imprecisas e com traços bem demarcados são figurativas e sugerem movimento. Essa obra retrata

- A) a confraternização de uma população socialmente marginalizada.
- B) o inconformismo da população de baixa renda da capital.
- C) o cotidiano da burguesia contemporânea da capital.
- D) a instabilidade de uma realidade rural do Brasil
- E) a solidariedade da população nordestina.

Comentários

A questão pode ser respondida sem nenhum conhecimento sobre Heitor dos Prazeres ou sua obra. Basta que o estudante consiga interpretar o quadro, identificando nele uma “população socialmente marginalizada” – os negros – em meio a uma “confraternização” – mostrada a partir de danças e instrumentos.

Gabarito: A

31.

O açúcar e suas técnicas de produção foram levados à Europa pelos árabes no século VIII, durante a Idade Média, mas foi principalmente a partir das Cruzadas (séculos XI e XIII) que a sua procura foi aumentando. Nessa época passou a ser importado do Oriente Médio e produzido em pequena escala no sul da Itália, mas continuou a ser um produto de luxo, extremamente caro, chegando a figurar nos dotes de princesas casadoiras.



CAMPOS, R. *Grandeza do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716)*. São Paulo: Atual, 1996.

Considerando o conceito do Antigo Sistema Colonial, o açúcar foi o produto escolhido por Portugal para dar início à colonização brasileira, em virtude de:

- A) o lucro obtido com o seu comércio ser muito vantajoso.
- B) os árabes serem aliados históricos dos portugueses.
- C) a mão de obra necessária para o cultivo ser insuficiente.
- D) as feitorias africanas facilitarem a comercialização desse produto.
- E) os nativos da América dominarem uma técnica de cultivo semelhante.

Comentários

O sistema colonial desenvolvido durante a Idade Moderna enquadra-se no processo de expansão do comércio, responsável por fortalecer o Estado absolutista e possibilitou o enriquecimento da camada burguesa. Todo o processo de exploração colonial tinha como objetivo gerar riqueza, acumulada segundo a visão mercantilista de economia.

Gabarito: A

32.

Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de "tropa" que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos. A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido).

Nos pousos, os tropeiros comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. O feijão tropeiro é um dos pratos típicos da cozinha mineira e recebe esse nome porque era preparado pelos cozinheiros das tropas que conduziam o gado.

Disponível em <http://www.tribunadoplanalto.com.br>. Acesso em: 27 nov. 2008.

A criação do feijão tropeiro na culinária brasileira está relacionada à:

- A) atividade comercial exercida pelos homens que trabalhavam nas minas.
- B) atividade culinária exercida pelos moradores cozinheiros que viviam nas regiões das minas.
- C) atividade mercantil exercida pelos homens que transportavam gado e mercadoria.
- D) atividade agropecuária exercida pelos tropeiros que necessitavam dispor de alimentos.
- E) atividade mineradora exercida pelos tropeiros no auge da exploração do ouro.





Comentários

Interpretação de texto. Nos Séculos XVII e XVIII, os tropeiros eram partes da vida da zona rural e cidades pequenas dentro do sul do Brasil. Vestidos como gaúchos com chapéus, ponchos, e botas, os tropeiros dirigiram rebanhos de gado e levaram bens por esta região para São Paulo, comercializados na feira de Sorocaba. De São Paulo, os animais e mercadorias foram para os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Gabarito: C

33.

Hoje em dia, nas grandes cidades, enterrar os mortos é uma prática quase íntima, que diz respeito apenas à família. A menos, é claro, que se trate de uma personalidade conhecida. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Para um historiador, os sepultamentos são uma fonte de informações importantes para que se compreenda, por exemplo, a vida política das sociedades.

No que se refere às práticas sociais ligadas aos sepultamentos,

A) na Grécia Antiga, as cerimônias fúnebres eram desvalorizadas, porque o mais importante era a democracia experimentada pelos vivos.

B) na Idade Média, a Igreja tinha pouca influência sobre os rituais fúnebres, preocupando-se mais com a salvação da alma.

C) no Brasil colônia, o sepultamento dos mortos nas igrejas era regido pela observância da hierarquia social.

D) na época da Reforma, o catolicismo condenou os excessos de gastos que a burguesia fazia para sepultar seus mortos.

E) no período posterior à Revolução Francesa, devido as grandes perturbações sociais, abandona-se a prática do luto.

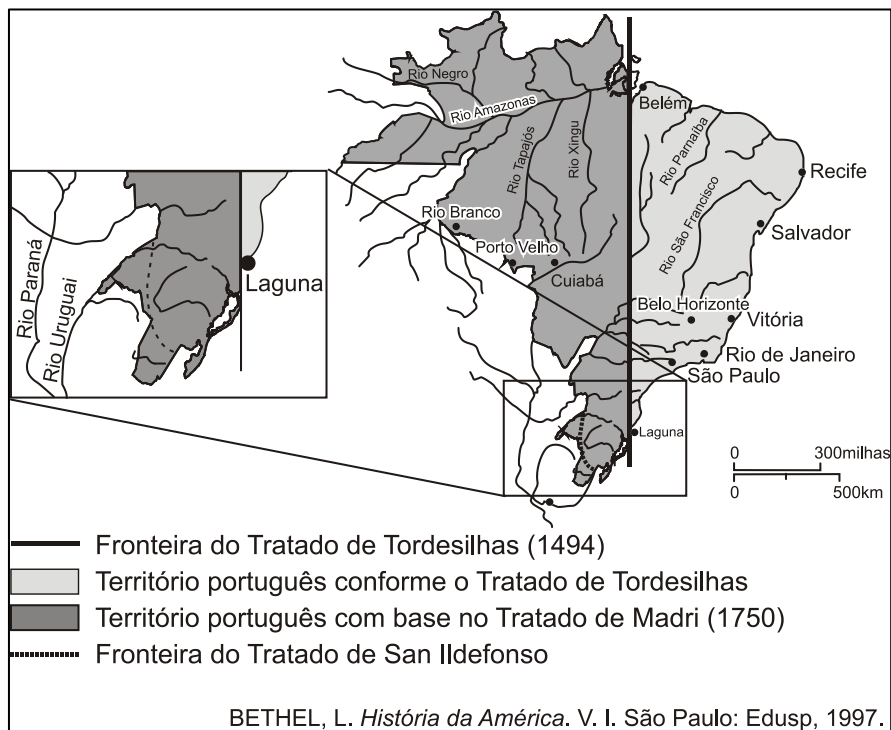
Comentários

Na Europa, os sepultamentos dentro das igrejas eram comuns até a época da peste negra. No Brasil colonial e imperial os sepultamentos existiram até o ano 1820, quando foram proibidos, momento que construíram os primeiros cemitérios. O sepultamento era restrito aos homens livres. Negros (escravos) e os indigentes eram enterrados. A diferenciação no tratamento dispensado aos mortos, evidencia a forte hierarquização existente na sociedade colonial do Brasil.

Gabarito: C



34.



As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, identificados no mapa, conclui-se que

- A) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do rio Amazonas.
- B) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.
- C) o Tratado de Madri reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.
- D) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.
- E) o Tratado de Madri criou a divisão administrativa da América Portuguesa em Vice-Reinos Oriental e Ocidental.

Comentários

Após a chamada Restauração do trono português em 1640, surgiram conflitos entre Portugal e Espanha quanto à definição de seus domínios na América do Sul, sobretudo a região platina, pois durante a vigência da união das coroas ibéricas (1580-1640), colonos portugueses se instalaram além da linha de Tordesilhas, uma vez que se evidenciou a nulidade do Tratado de 1494.

O Tratado de Madri de 1750 anulava o de Tordesilhas e estabelecia fronteiras posteriormente contestadas em outros tratados (El Pardo e Santo Ildefonso) e depois confirmadas no Tratado de Badajós de 1801, definindo assim os domínios portugueses além da linha de Tordesilhas.

Gabarito: C





35.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que:

- A) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.
- B) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.
- C) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.
- D) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.
- E) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

Comentários

A questão analisa o processo de colonização da América enfatizando, de um lado, as iniciativas particulares e de outro, o subentendimento da pouca interferência do Estado no arranjo da organização econômica, social e cultural nas colônias.

Gabarito: A

36.

No final do século XVI, na Bahia, Guiomar de Oliveira denunciou Antônia Nóbrega à Inquisição. Segundo o depoimento, esta lhe dava “uns pós não sabe de quê, e outros pós de osso de finado, os quais pós ela confessante deu a beber em vinho ao dito seu marido para ser seu amigo e serem bem-casados, e que todas estas coisas fez tendo-lhe dito a dita Antônia e ensinado que eram coisas diabólicas e que os diabos lha ensinaram”.

ARAÚJO, E. O teatro dos vícios. *Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Brasília: UnB/José Olympio, 1997.

Do ponto de vista da Inquisição,

- A) o problema dos métodos citados no trecho residia na dissimulação, que acabava por enganar o enfeitado.
- B) o diabo era um concorrente poderoso da autoridade da Igreja e somente a justiça do fogo poderia eliminá-lo.



- C) os ingredientes em decomposição das poções mágicas eram condenados porque afetavam a saúde da população.
- D) as feiticeiras representavam séria ameaça à sociedade, pois eram perceptíveis suas tendências feministas.
- E) os cristãos deviam preservar a instituição do casamento recorrendo exclusivamente aos ensinamentos da Igreja.

Comentários

Apenas a interpretação do texto levaria a alternativa correta. No entanto, conhecimentos sobre aspectos da vida religiosa no Brasil colônia, das restrições da Igreja quanto aos rituais de magia associados à evocação do demônio e do tratamento dispensado pela Inquisição (Santo Ofício) aos acusados de tais práticas, facilitariam a resposta do examinado.

Gabarito: E

37.

Quando tomaram a Bahia, em 1624-5, os holandeses promoveram também o bloqueio naval de Benguela e Luanda, na costa africana. Em 1637, Nassau enviou uma frota do Recife para capturar São Jorge da Mina, entreposto português de comércio do ouro e de escravos no litoral africano (atual Gana). Luanda, Benguela e São Tomé caíram nas mãos dos holandeses entre agosto e novembro de 1641. A captura dos dois polos da economia de plantações mostrava-se indispensável para o implemento da atividade açucareira.

ALENCASTRO, L. F. Com quantos escravos se constrói um país? In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 4, nº 39, dez. 2008 (adaptado).

Os polos econômicos aos quais se refere o texto são:

- A) as zonas comerciais americanas e as zonas agrícolas africanas.
- B) as zonas comerciais africanas e as zonas de transformação e melhoramento americanas.
- C) as zonas de minifúndios americanas e as zonas comerciais africanas.
- D) as zonas manufatureiras americanas e as zonas de entreposto africano no caminho para Europa.
- E) as zonas produtoras escravistas americanas e as zonas africanas reprodutoras de escravos.

Comentários

A invasão holandesa do Nordeste do Brasil no século XVII foi motivada pelo interesse no controle do lucrativo comércio do açúcar, do qual os flamengos foram privados pela Espanha em razão de conflitos entre holandeses e espanhóis à época da união das coroas ibéricas (1580-1640). Sendo a produção realizada basicamente pelo trabalho escravo africano, tornava-se também necessário aos holandeses, o controle de domínios lusitanos na África fornecedores de escravos.

Gabarito: E





38.

No princípio do século XVII, era bem insignificante e quase miserável a Vila de São Paulo. João de Laet davalhe 200 habitantes, entre portugueses e mestiços, em 100 casas; a Câmara, em 1606, informava que eram 190 os moradores, dos quais 65 andavam homiziados*.

*homiziados: escondidos da justiça

Nelson Werneck Sodré. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

Na época da invasão holandesa, Olinda era a capital e a cidade mais rica de Pernambuco. Cerca de 10% da população, calculada em aproximadamente 2.000 pessoas, dedicavam-se ao comércio, com o qual muita gente fazia fortuna. Cronistas da época afirmavam que os habitantes ricos de Olinda viviam no maior luxo.

Hildegard Féist. *Pequena história do Brasil holandês*. São Paulo: Moderna, 1998 (com adaptações).

Os textos apresentados retratam, respectivamente, São Paulo e Olinda no início do século XVII, quando Olinda era maior e mais rica. São Paulo é, atualmente, a maior metrópole brasileira e uma das maiores do planeta. Essa mudança deveu-se, essencialmente, ao seguinte fator econômico:

- A) maior desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar no planalto de Piratininga do que na Zona da Mata Nordestina.
- B) atraso no desenvolvimento econômico da região de Olinda e Recife, associado à escravidão, inexistente em São Paulo.
- C) avanço da construção naval em São Paulo, favorecido pelo comércio dessa cidade com as Índias.
- D) desenvolvimento sucessivo da economia mineradora, cafeeicultura e industrial no Sudeste.
- E) destruição do sistema produtivo de algodão em Pernambuco quando da ocupação holandesa.

Comentários

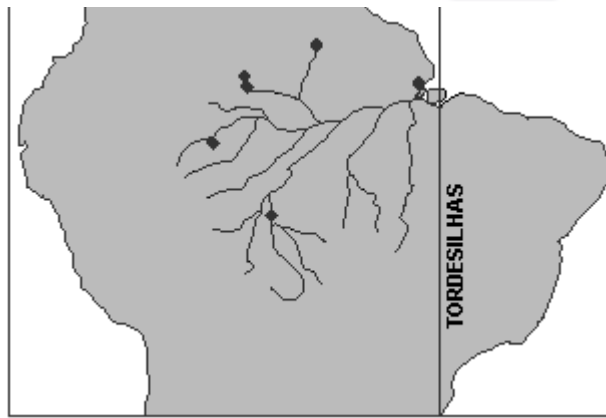
A questão retrata o crescimento de São Paulo ao longo de séculos, desde o período colonial até à República, destacando atividades econômicas diferentes desde a mineração – na região vizinha, passando pelo café e, posteriormente, pela industrialização.

Gabarito: D

39.

O mapa a seguir apresenta parte do contorno da América do Sul destacando a bacia amazônica. Os pontos assinalados representam fortificações militares instaladas no século XVIII pelos portugueses. A linha indica o Tratado de Tordesilhas revogado pelo Tratado de Madri, apenas em 1750.





Adaptado de Carlos de Meira Mattos. *Geopolítica e teoria de fronteiras*.

Pode-se afirmar que a construção dos fortes pelos portugueses visava, principalmente, dominar:

- A) militarmente a bacia hidrográfica do Amazonas.
- B) economicamente as grandes rotas comerciais.
- C) as fronteiras entre nações indígenas.
- D) o escoamento da produção agrícola.
- E) o potencial de pesca da região.

Comentários

A região amazônica foi pouco explorada durante o período colonial e a atividade econômica predominante foi o extrativismo. A maior preocupação portuguesa na época da construção das unidades militares foi garantir a posse da terra em uma região que pertenceu teoricamente aos espanhóis até 1750, mas nunca foi efetivamente dominada. Apesar da presença de grandes rios, a pesca nunca foi uma atividade econômica desenvolvida, assim como não havia entre os povos indígenas a ideia de fronteira.

Gabarito: A

40.

Jean de Léry viveu na França na segunda metade do século XVI, época em que as chamadas guerras de religião opuseram católicos e protestantes. No texto a seguir, ele relata o cerco da cidade de Sancerre por tropas católicas.

(...) desde que os canhões começaram a atirar sobre nós com maior frequência, tornou-se necessário que todos dormissem nas casernas. Eu logo providenciei para mim um leito feito de um lençol atado pelas suas duas pontas e assim fiquei suspenso no ar, à maneira dos selvagens americanos (entre os quais eu estive durante dez meses) o que foi imediatamente imitado por todos os nossos soldados. De tal maneira que a caserna logo ficou cheia deles.



Aqueles que dormiram assim puderam confirmar o quanto esta maneira é apropriada tanto para evitar os vermes quanto para manter as roupas limpas (...).

Neste texto, Jean de Léry

- A) despreza a cultura e rejeita o patrimônio dos indígenas americanos.
- B) revela-se constrangido por ter de recorrer a um invento de "selvagens".
- C) reconhece a superioridade das sociedades indígenas americanas com relação aos europeus.
- D) valoriza o patrimônio cultural dos indígenas americanos, adaptando-o às suas necessidades.
- E) valoriza os costumes dos indígenas americanos porque eles também eram perseguidos pelos católicos.

Comentários

Interpretação de texto; que descreve um francês em seu país, adotando um costume aprendido com o indígena. Dessa forma, percebe-se que a ideia de superioridade cultural é bastante relativa.

Gabarito: D

41.

Rui Guerra e Chico Buarque de Holanda escreveram uma peça para teatro chamada "Calabar", pondo em dúvida a reputação de traidor que foi atribuída a Calabar, pernambucano que ajudou decisivamente os holandeses na invasão do Nordeste brasileiro, em 1632.

- Calabar traiu o Brasil que ainda não existia? Traiu Portugal, nação que explorava a colônia onde Calabar havia nascido? Calabar, mulato em uma sociedade escravista e discriminatória, traiu a elite branca?

Os textos referem-se também a esta personagem.

Texto I:

"... dos males que causou à Pátria, a História, a inflexível História, lhe chamará infiel, desertor e traidor, por todos os séculos"

Visconde de Porto Seguro, in: SOUZA JÚNIOR, A. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1949.

Texto II

"Sertanista experimentado, em 1627 procurava as minas de Belchior Dias com a gente da Casa da Torre; ajudara Matias de Albuquerque na defesa do Arraial, onde fora ferido, e



desertara em consequência de vários crimes praticados..." (os crimes referidos são o de contrabando e roubo).

CALMON P. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Pode-se afirmar que:

- A) A peça e os textos abordam a temática de maneira parcial e chegam às mesmas conclusões.
- B) A peça e o texto I refletem uma postura tolerante com relação à suposta traição de Calabar, e o texto II mostra uma posição contrária à atitude de Calabar.
- C) Os textos I e II mostram uma postura contrária à atitude de Calabar, e a peça demonstra uma posição indiferente em relação ao seu suposto ato de traição.
- D) A peça e o texto II são neutros com relação à suposta traição de Calabar, ao contrário do texto I, que condena a atitude de Calabar.
- E) A peça questiona a validade da reputação de traidor que o texto I atribui a Calabar, enquanto o texto II descreve ações positivas e negativas dessa personagem.

Comentários

A questão refere-se ao episódio famoso no contexto da invasão holandesa em Pernambuco e pode ser resolvida a partir de uma leitura atenta do texto e das alternativas propostas. Tanto a peça, como o texto II questionam a suposta condição de traidor atribuída à Calabar e o texto I reafirma essa suposta traição.

Gabarito: E





1. (EsSA)

No Brasil Colônia, a atividade econômica que atendia, basicamente, o mercado interno era o (a):

- A) Pecuária.
- B) Cacau.
- C) Tráfico negreiro.
- D) Produção de tabaco.
- E) Manufatura têxtil.

2. (EsSA)

Dentre as quinze Capitanias Hereditárias fundadas no Brasil a partir de 1530, somente duas progrediram até 1550:

- A) Pernambuco e São Vicente.
- B) Maranhão e Ceará.
- C) Itamaracá e Porto Seguro.
- D) Ilhes e Porto seguro.
- E) São Tomé e Santana.

3. (EsSA)

As expedições portuguesas ao Brasil nas duas primeiras décadas do século XVI objetivaram:

- A) iniciar o cultivo da cana-de-açúcar e o imediato povoamento.
- B) travar contato com os nossos índios e iniciar atividades comerciais com os mesmos.
- C) transferir para o Brasil os acusados de heresias protestantes na corte portuguesa.
- D) reconhecer a terra descoberta e salvaguardar a sua posse.
- E) estimular a catequese dos índios a pedido da Companhia de Jesus.





4. (EsSA)

A respeito das expedições marítimas portuguesas enviadas ao Brasil no período pré-colonizador, foram chamadas de “expedições guarda-costas”, empreendidas entre os anos 1516 a 1520, as missões comandadas por:

- A) Gaspar de Lemos.
- B) Martin Afonso de Souza.
- C) Cristóvão Jacques.
- D) Gonçalo Coelho.
- E) Tomé de Souza.

5. (ESsA)

No tocante as primeiras atividades econômicas desenvolvidas pelos portugueses na colônia do Brasil, entre os anos 1501 a 1530, é correto afirmar que se destacaram como atividade (s) principal (is):

- A) a exploração de ouro e pedras preciosas.
- B) a escravização do indígena.
- C) a extração das chamadas drogas do sertão e criação de gado.
- D) a extração e comercialização do pau-brasil.
- E) o cultivo de fumo e do café.

6. (Fatec 2015)

De acordo com o historiador Stuart B. Schwarcz, durante o período da colonização, havia um ditado popular que dizia: “Sem açúcar, não há Brasil; sem a escravidão, não há açúcar; sem Angola, não há escravos”.

(<http://tinyurl.com/njyvll6> Acesso em: 30.06.2014.)

Esse ditado traz elementos que permitem concluir que a organização colonial

- A) dependia da produção de açúcar para exportação, produzido com trabalho de escravos.
- B) era baseada na policultura de subsistência, para alimentar a grande população escrava.
- C) utilizava-se do trabalho escravo, para garantir a produção de gêneros industrializados.
- D) desenvolvia a economia do Brasil e de Angola, pois ambos dividiam os lucros do açúcar.
- E) era baseada no trabalho assalariado, porém utilizava escravos nas atividades domésticas.





7. (Fatec 2012)

"Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda."

(ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, p. 89.)

No trecho citado, parte de uma obra publicada em 1711, o jesuíta Antonil:

- A) torna evidente que o trabalho escravo constituiu a base da exploração econômica em setores essenciais da economia colonial.
- B) fornece argumentos para o combate movido pela Igreja contra a escravização de indígenas e africanos nos domínios coloniais portugueses.
- C) explica por que a escravidão foi importante no empreendimento açucareiro, mas teve papel secundário e marginal na exploração mineradora.
- D) justifica a brandura da escravidão no Brasil e sugere uma explicação para a "democracia racial" predominante na sociedade colonial brasileira.
- E) condena as tentativas de introduzir trabalhadores livres, trazidos da Europa, para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café.

8. (Uepb 2014)

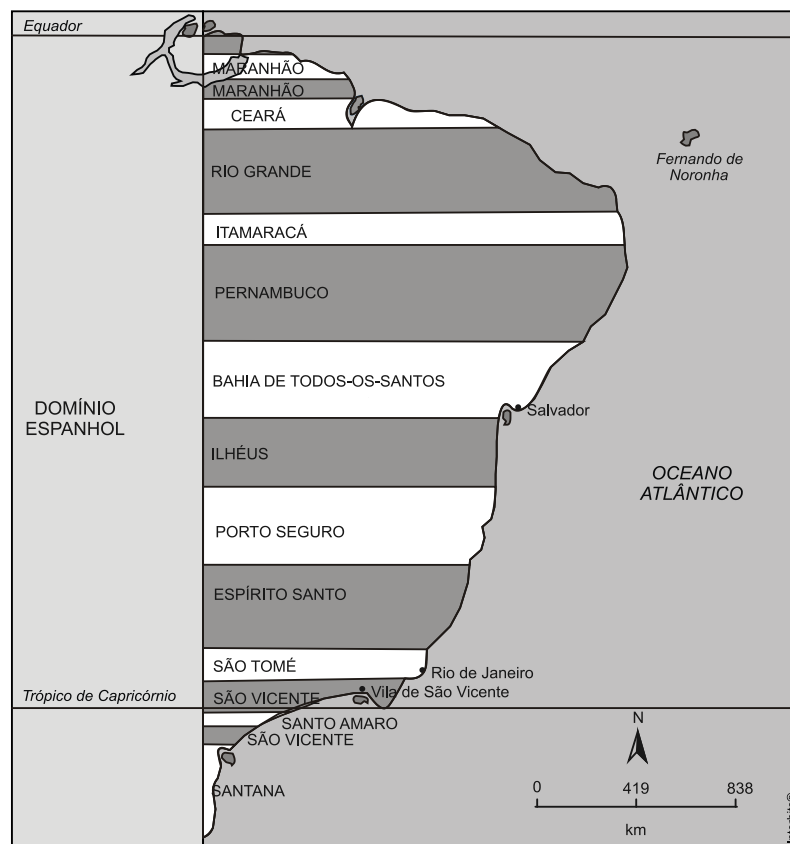
Considerando a realidade da América Portuguesa nas três primeiras décadas do século XVI, é correto afirmar:

- A) A expedição exploradora de Gaspar de Lemos, em 1501, implantou o sistema de Capitanias Hereditárias para garantir o desenvolvimento da cana de açúcar.
- B) A Coroa Portuguesa proibiu o estanco do pau-brasil, já que a madeira era contrabandeada por franceses e ingleses.
- C) As expedições de Cristovão Jackes, em 1516 e 1526 não tinham caráter militar, nem combateram estrangeiros. Tinham a função específica de reconhecer o território e implantar as feitorias.
- D) A atividade desenvolvida com autorização da Coroa Portuguesa foi a extração de pau-brasil, uma atividade nômade e predatória, que não tinha a finalidade de promover o povoamento.
- E) A mão de obra indígena foi pouco explorada e bastante valorizada pelos portugueses, que presenteavam os nativos com objetos de grande valor no mercado europeu.



9. (Uftm 2012)

Observe o mapa.



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

- A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.
- B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.
- C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.
- D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.
- E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.



10. (Ufmg 2010)

Leia este trecho do documento:

Eu el-rei faço saber a vós [...] fidalgo de minha casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitanias e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa santa fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meus serviços e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes [...]

É CORRETO afirmar que, nesse trecho de documento, se faz referência:

- A) à criação do Governo Geral, com sede na Bahia.
- B) à implantação do Vice-Reinado no Rio de Janeiro.
- C) à implementação da Capitania-sede em São Vicente.
- D) ao estabelecimento de Capitanias Hereditárias, no nordeste.

11. (Vunesp 2014)

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

- A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.
- B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.
- C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.
- D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.
- E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

12.

Os vestígios dos povos Tupi-guarani encontram-se desde as Missões e o rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências ainda mal conhecidas no sul da Amazônia. A leste, ocupavam toda a faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem (no rio da Prata) no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia. Evitam as terras inundáveis do Pantanal e marcam sua presença discretamente nos cerrados do Brasil central. De fato, ocuparam, de preferência, as regiões de floresta tropical e subtropical.

PROUS. A. *O Brasil antes dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2005.



Os povos indígenas citados possuíam tradições culturais específicas que os distinguiam de outras sociedades indígenas e dos colonizadores europeus. Entre as tradições tupi-guarani, destacava-se:

- A) a organização em aldeias politicamente independentes, dirigidas por um chefe, eleito pelos indivíduos mais velhos da tribo.
- B) a ritualização da guerra entre as tribos e o caráter semissedentário de sua organização social.
- C) a conquista de terras mediante operações militares, o que permitiu seu domínio sobre vasto território.
- D) o caráter pastoril de sua economia, que prescindia da agricultura para investir na criação de animais.
- E) o desprezo pelos rituais antropofágicos praticados em outras sociedades indígenas.

13.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios.

CAMINHA, P. V. Carta. RIBEIRO, D. et al. *Viagem pela história do Brasil: documentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (adaptado).

O texto é parte da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, documento fundamental para a formação da identidade brasileira. Tratando da relação que, desde esse primeiro contato, se estabeleceu entre portugueses e indígenas, esse trecho da carta revela a:

- A) preocupação em garantir a integridade do colonizador diante da resistência dos índios à ocupação da terra.
- B) postura etnocêntrica do europeu diante das características físicas e práticas culturais do indígena.
- C) orientação da política da Coroa Portuguesa quanto à utilização dos nativos como mão de obra para colonizar a nova terra.
- D) oposição de interesses entre portugueses e índios, que dificultava o trabalho catequético e exigia amplos recursos para a defesa da posse da nova terra.
- E) abundância da terra descoberta, o que possibilitou a sua incorporação aos interesses mercantis portugueses, por meio da exploração econômica dos índios.





14. (Fuvest 2016)

Eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado e aumento dos senhorios de V. A. E tudo se encerrava em vós, Senhor, trabalhades com modos honestos de fazer que esta gente não houvesse de entrar nem possuir coisa de vossas navegações, pelo grandíssimo dano que daí se podia seguir.

Serafim Leite. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, 1954.

O trecho acima foi extraído de uma carta dirigida pelo padre jesuíta Diogo de Gouveia ao Rei de Portugal D. João III, escrita em Paris, em 17/02/1538. Seu conteúdo mostra:

- A) a persistência dos ataques franceses contra a América, que Portugal vinha tentando colonizar de modo efetivo desde a adoção do sistema de capitanias hereditárias.
- B) os primórdios da aliança que logo se estabeleceria entre as Coroas de Portugal e da França e que visava a combater as pretensões expansionistas da Espanha na América.
- C) a preocupação dos jesuítas portugueses com a expansão de jesuítas franceses, que, no Brasil, vinham exercendo grande influência sobre as populações nativas.
- D) o projeto de expansão territorial português na Europa, o qual, na época da carta, visava à dominação de territórios franceses tanto na Europa quanto na América.
- E) a manifestação de um conflito entre a recém-criada ordem jesuíta e a Coroa portuguesa em torno do combate à pirataria francesa.

15.

Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

“Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro”, Bahia apud DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. In: CATELLI JR., R. *Um olhar sobre as festas populares brasileiras*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de:

- A) exclusão social.
- B) imposição religiosa.
- C) acomodação política.
- D) supressão simbólica.
- E) ressignificação cultural.





16.

A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, P M.A *primeira historia do Brasil*: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada, demonstra a:

- A) simplicidade da organização social das tribos brasileiras.
- B) dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.
- C) superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.
- D) incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.
- E) dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.

17.

Iniciou-se em 1903 a introdução de obras de arte com representações de bandeirantes no acervo do Museu Paulista, mediante a aquisição de uma tela que homenageava o sertanista que comandara a destruição do Quilombo de Palmares. Essa aquisição, viabilizada por verba estadual, foi simultânea à emergência de uma interpretação histórica que apontava o fenômeno do sertanismo paulista como o elo decisivo entre a trajetória territorial do Brasil e de São Paulo, concepção essa que se consolidaria entre os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

MARINS, P. c. G. Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. *Revista do LEB*, n. 44, tev. 2007.

A prática governamental descrita no texto, com a escolha dos temas das obras, tinha como propósito a construção de uma memória que:

- A) afirmava a centralidade de um estado na política do país.
- B) resgatava a importância da resistência escrava na história brasileira.
- C) evidenciava a importância da produção artística no contexto regional.
- D) valorizava a saga histórica do povo na afirmação de uma memória social.
- E) destacava a presença do indígena no desbravamento do território colonial.





18.

TEXTO I

O príncipe D. João VI podia ter decidido ficar em Portugal. Nesse caso, o Brasil com certeza não existiria. A Colônia se fragmentaria, como se fragmentou a parte espanhola da América. Teríamos, em vez do Brasil de hoje, cinco ou seis países distintos. (José Murilo de Carvalho)

TEXTO II

Há no Brasil uma insistência em reforçar o lugar-comum segundo o qual foi D. João VI o responsável pela unidade do país. Isso não é verdade. A unidade do Brasil foi construída ao longo do tempo e é, antes de tudo, uma fabricação da Coroa. A ideia de que era preciso fortalecer um Império com os territórios de Portugal e Brasil começou já no século XVIII. (Evaldo Cabral de Mello)

1808 – O primeiro ano do resto de nossas vidas. *Folha de S. Paulo*, 25 nov. 2007 (adaptado).

Em 2008, foi comemorado o bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nos textos, dois importantes historiadores brasileiros se posicionam diante de um dos possíveis legados desse episódio para a história do país. O legado discutido e um argumento que sustenta a diferença do primeiro ponto de vista para o segundo estão associados, respectivamente, em:

- A) Integridade territorial – Centralização da administração régia na Corte.
- B) Desigualdade social – Concentração da propriedade fundiária no campo.
- C) Homogeneidade intelectual – Difusão das ideias liberais nas universidades.
- D) Uniformidade cultural – Manutenção da mentalidade escravista nas fazendas.
- E) Continuidade espacial – Cooptação dos movimentos separatistas nas províncias.

19.

Os holandeses desembarcaram em Pernambuco no ano de 1630, em nome da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), e foram aos poucos ocupando a costa que ia da foz do Rio São Francisco ao Maranhão, no atual Nordeste brasileiro. Eles chegaram ao ponto de destruir Olinda, antiga sede da capitania de Duarte Coelho, para erguer no Recife uma pequena Amsterdã.

NASCIMENTO, R. L. X. A toque de caixas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, n. 70, jul. 2011.

Do ponto de vista econômico, as razões que levaram os holandeses a invadirem o nordeste da Colônia decorriam do fato de que essa região:

- A) era a mais importante área produtora de açúcar na América portuguesa.
- B) possuía as mais ricas matas de pau-brasil no litoral das Américas.



- C) contava com o porto mais estratégico para a navegação no Atlântico Sul.
- D) representava o principal entreposto de escravos africanos para as Américas.
- E) constituía um reduto de ricos comerciantes de açúcar de origem judaica.

20.

A transferência da corte trouxe para a América portuguesa a família real e o governo da Metrópole. Trouxe também, e sobretudo, boa parte do aparato administrativo português. Personalidades diversas e funcionários régios continuaram embarcando para o Brasil atrás da corte, dos seus empregos e dos seus parentes após o ano de 1808.

NOVAIS, F. A.; ALENCASTRO, L. F. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Os fatos apresentados se relacionam ao processo de independência da América portuguesa por terem

- A) incentivado o clamor popular por liberdade.
- B) enfraquecido o pacto de dominação metropolitana.
- C) motivado as revoltas escravas contra a elite colonial.
- D) obtido o apoio do grupo constitucionalista português.
- E) provocado os movimentos separatistas das províncias.

21.

Áreas em estabelecimento de atividades econômicas sempre se colocaram como grande chamariz. Foi assim no litoral nordestino, no início da colonização, com o pau-brasil, a cana-de-açúcar, o fumo, as produções de alimentos e o comércio. O enriquecimento rápido exacerbou o espírito de aventura do homem moderno.

FARIAS, S. C. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

O processo descrito no texto trouxe como efeito o(a):

- A) acumulação de capitais na Colônia, propiciando a criação de um ambiente intelectual efervescente.
- B) surgimento de grandes cidades coloniais, voltadas para o comércio e com grande concentração monetária.
- C) concentração da população na região litorânea, pela facilidade de escoamento da produção.
- D) favorecimento dos naturais da Colônia na concessão de títulos de nobreza e fidalguia pela Monarquia.
- E) construção de relações de trabalho menos desiguais que as da Metrópole, inspiradas pelo empreendedorismo.





22.

Quando Deus confundiu as línguas na torre de Babel, ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque, ainda que todos falassem e todos ouvissem, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel, houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas, já se conhecem mais de cento e cinquenta. E assim, quando lá chegamos, todos nós somos mudos e todos eles, surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho serão necessários para que esses mudos falem e esses surdos ouçam.

VIEIRA, A. Sermões pregados no Brasil. In: RODRIGUES, J. H. *História viva*. São Paulo: Global, 1985 (adaptado).

No decorrer da colonização portuguesa na América, as tentativas de resolução do problema apontado pelo padre Antônio Vieira resultaram na:

- A) ampliação da violência nas guerras intertribais.
- B) desistência da evangelização dos povos nativos.
- C) indiferença dos jesuítas em relação à diversidade de línguas americanas.
- D) pressão da Metrópole pelo abandono da catequese nas regiões de difícil acesso.
- E) sistematização das línguas nativas numa estrutura gramatical facilitadora da catequese.

23.

O índio era o único elemento então disponível para ajudar o colonizador como agricultor, pescador, guia, conhecedor da natureza tropical e, para tudo isso, deveria ser tratado como gente, ter reconhecidas sua inocência e alma na medida do possível. A discussão religiosa e jurídica em torno dos limites da liberdade dos índios se confundiu com uma disputa entre jesuítas e colonos. Os padres se apresentavam como defensores da liberdade, enfrentando a cobiça desenfreada dos colonos.

CALDEIRA, J. A nação mercantilista. São Paulo: Editora 34, 1999 (adaptado).

Entre os séculos XVI e XVIII, os jesuítas buscaram a conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa aproximação dos jesuítas em relação ao mundo indígena foi mediada pela:

- A) demarcação do território indígena.
- B) manutenção da organização familiar.
- C) valorização dos líderes religiosos indígenas.
- D) preservação do costume das moradias coletivas.
- E) comunicação pela língua geral baseada no tupi.





24.

De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

A carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

- A) Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.
- B) Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.
- C) Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.
- D) Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.
- E) Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.

25.

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar.

COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

O documento destaca um aspecto cultural relevante em torno da conquista da América, que se encontra expresso em:

- A) Deslumbramento do homem branco diante do comportamento exótico das tribos autóctones.
- B) Violência militarizada do europeu diante da necessidade de imposição de regras aos ameríndios.
- C) Cruzada civilizacional frente à tarefa de educar os povos nativos pelos parâmetros ocidentais.
- D) Comportamento caridoso dos governos europeus diante da receptividade das comunidades indígenas.



E) Compromisso dos agentes religiosos diante da necessidade de respeitar a diversidade social dos índios.

26.

É preciso ressaltar que, de todas as capitanias brasileiras, Minas era a mais urbanizada. Não havia ali hegemonia de um ou dois grandes centros. A região era repleta de vilas e arraiais, grandes e pequenos, em cujas ruas muita gente circulava.

PAIVA, E. F. *O ouro e as transformações na sociedade colonial*. São Paulo: Atual, 1998.

As regiões da América portuguesa tiveram distintas lógicas de ocupação. Uma explicação para a especificidade da região descrita no texto está identificada na:

- A) apropriação cultural diante das influências externas.
- B) produção manufatureira diante do exclusivo comercial.
- C) insubordinação religiosa diante da hierarquia eclesiástica.
- D) fiscalização estatal diante das particularidades econômicas.
- E) autonomia administrativa diante das instituições metropolitanas.

27.

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. A presença da Corte implicava uma alteração do acanhado cenário urbano da Colônia, mas a marca do absolutismo acompanharia a alteração.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995 (fragmento).

As transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro em decorrência da presença da Corte estavam limitadas à superfície das estruturas sociais porque

- A) a pujança do desenvolvimento comercial e industrial retirava da agricultura de exportação a posição de atividade econômica central na Colônia.
- B) a expansão das atividades econômicas e o desenvolvimento de novos hábitos conviviam com a exploração do trabalho escravo.
- C) a emergência das práticas liberais, com a abertura dos portos, impedia uma renovação política em prol da formação de uma sociedade menos desigual.
- D) a integração das elites políticas regionais, sob a liderança do Rio de Janeiro, ensejava a formação de um projeto político separatista de cunho republicano.
- E) a dinamização da economia urbana retardava o letramento de mulatos e imigrantes, importante para as necessidades do trabalho na cidade.





28.

Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, n.º 12, dez./jan./fev. 1991-92 (adaptado).

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a:

- A) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.
- B) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
- C) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- D) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- E) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

29.

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951 (adaptado).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e

- A) a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.
- B) a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.
- C) o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.
- D) o papel dos senhores na administração dos engenhos.
- E) o trabalho dos escravos na produção de açúcar.



30.

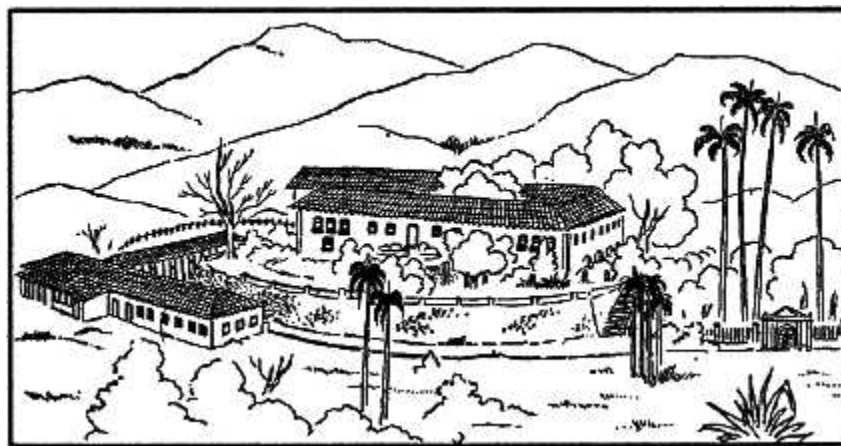
Dos senhores dependem os lavradores que têm partidos arrendados em terras do mesmo engenho; e quanto os senhores são mais possantes e bem aparelhados de todo o necessário, afáveis e verdadeiros, tanto mais são procurados, ainda dos que não têm a cana cativa, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso receberam.

ANTONIL, J. A. *Cultura e opulência no Brasil [1711]*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987 (adaptado).

Segundo o texto, a produção açucareira no Brasil colonial era:

- A) baseada no arrendamento de terras para a obtenção da cana a ser moída nos engenhos centrais.
- B) caracterizada pelo funcionamento da economia de livre mercado em relação à compra e venda de cana.
- C) dependente de insumos importados da Europa nas frotas que chegavam aos portos em busca do açúcar.
- D) marcada pela interdependência econômica entre os senhores de engenho e os lavradores de cana.
- E) sustentada no trabalho escravo desempenhado pelos lavradores de cana em terras arrendadas.

31.



FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Gramma com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Esta organização do espaço representa uma:

- A) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.



- B) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.
- C) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.
- D) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.
- E) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país.

32.

A experiência que tenho de lidar com aldeias de diversas nações me tem feito ver, que nunca índio fez grande confiança de branco e, se isto sucede com os que estão já civilizados, como não sucederá o mesmo com esses que estão ainda brutos.

NORONHA, M. Carta a J. Caldeira Brant. 2 jan. 1751. Apud CHAIM, M. M. *Aldeamentos indígenas*(Goiás: 1749-1811). São Paulo: Nobel, Brasília: INL, 1983 (adaptado).

Em 1749, ao separar-se de São Paulo, a capitania de Goiás foi governada por D. Marcos de Noronha, que atendeu às diretrizes da política indigenista pombalina que incentivava a criação de aldeamentos em função:

- A) das constantes rebeliões indígenas contra os brancos colonizadores, que ameaçavam a produção de ouro nas regiões mineradoras.
- B) da propagação de doenças originadas do contato com os colonizadores, que dizimaram boa parte da população indígena.
- C) do empenho das ordens religiosas em proteger o indígena da exploração, o que garantiu a sua supremacia na administração colonial.
- D) da política racista da Coroa Portuguesa, contrária à miscigenação, que organizava a sociedade em uma hierarquia dominada pelos brancos.
- E) da necessidade de controle dos brancos sobre a população indígena, objetivando sua adaptação às exigências do trabalho regular.

33.

Próximo da Igreja dedicada a São Gonçalo nos deparamos com uma impressionante multidão que dançava ao som de suas violas. Tão logo viram o Vice-Rei, cercaram-no e o obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para sua idade quanto posição. Tivemos nós mesmos que entrar na dança, por bem ou por mal, e não deixou de ser interessante ver numa igreja padres, mulheres, frades, cavalheiros e escravos a dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões “Viva São Gonçalo do Amarante”.

BARBINAIS, Le Gentil. *Nouveau Voyage autour du monde*. Apud: TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000 (adaptado).



O viajante francês, ao descrever suas impressões sobre uma festa ocorrida em Salvador, em 1717, demonstra dificuldade em entendê-la, porque, como outras manifestações religiosas do período colonial, ela

- A) seguia os preceitos advindos da hierarquia católica romana.
- B) demarcava a submissão do povo à autoridade constituída.
- C) definia o pertencimento dos padres às camadas populares.
- D) afirmava um sentido comunitário de partilha da devoção.
- E) harmonizava as relações sociais entre escravos e senhores.

34.

Em teoria, as pessoas livres da Colônia foram enquadradas em uma hierarquia característica do Antigo Regime. A transferência desse modelo, de sociedade de privilégios, vigente em Portugal, teve pouco efeito prático no Brasil. Os títulos de nobreza eram ambicionados. Os fidalgos eram raros e muita gente comum tinha pretensões à nobreza.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. (São Paulo: Edusp; Fundação do Desenvolvimento da Educação).

Ao reelaborarem a lógica social vigente na metrópole, os sujeitos do mundo colonial construíram uma distinção que ordenava a vida cotidiana a partir da

- A) concessão de títulos nobiliárquicos por parte da Igreja Católica.
- B) afirmação de diferenças fundadas na posse de terras e de escravos.
- C) imagem do Rei e de sua Corte como modelo a ser seguido.
- D) miscigenação associada a profissões de elevada qualificação.
- E) definição do trabalho como princípio ético da vida em sociedade.

35.



Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em: 26 jul. 2010.



Sem formação acadêmica específica em artes visuais, Heitor dos Prazeres, que também é compositor e instrumentista, é reconhecido artista popular do Rio de Janeiro. Suas pinturas de perspectivas imprecisas e com traços bem demarcados são figurativas e sugerem movimento. Essa obra retrata

- A) a confraternização de uma população socialmente marginalizada.
- B) o inconformismo da população de baixa renda da capital.
- C) o cotidiano da burguesia contemporânea da capital.
- D) a instabilidade de uma realidade rural do Brasil
- E) a solidariedade da população nordestina.

36.

O açúcar e suas técnicas de produção foram levados à Europa pelos árabes no século VIII, durante a Idade Média, mas foi principalmente a partir das Cruzadas (séculos XI e XIII) que a sua procura foi aumentando. Nessa época passou a ser importado do Oriente Médio e produzido em pequena escala no sul da Itália, mas continuou a ser um produto de luxo, extremamente caro, chegando a figurar nos dotes de princesas casadoiras.

CAMPOS, R. *Grandeza do Brasil no tempo de Antonil* (1681-1716). São Paulo: Atual, 1996.

Considerando o conceito do Antigo Sistema Colonial, o açúcar foi o produto escolhido por Portugal para dar início à colonização brasileira, em virtude de:

- A) o lucro obtido com o seu comércio ser muito vantajoso.
- B) os árabes serem aliados históricos dos portugueses.
- C) a mão de obra necessária para o cultivo ser insuficiente.
- D) as feitorias africanas facilitarem a comercialização desse produto.
- E) os nativos da América dominarem uma técnica de cultivo semelhante.

37.

Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de "tropa" que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos. A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido).

Nos pousos, os tropeiros comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. O feijão tropeiro é um dos pratos



típicos da cozinha mineira e recebe esse nome porque era preparado pelos cozinheiros das tropas que conduziam o gado.

Disponível em <http://www.tribunadoplanalto.com.br>. Acesso em: 27 nov. 2008.

A criação do feijão tropeiro na culinária brasileira está relacionada à:

- A) atividade comercial exercida pelos homens que trabalhavam nas minas.
- B) atividade culinária exercida pelos moradores cozinheiros que viviam nas regiões das minas.
- C) atividade mercantil exercida pelos homens que transportavam gado e mercadoria.
- D) atividade agropecuária exercida pelos tropeiros que necessitavam dispor de alimentos.
- E) atividade mineradora exercida pelos tropeiros no auge da exploração do ouro.

38.

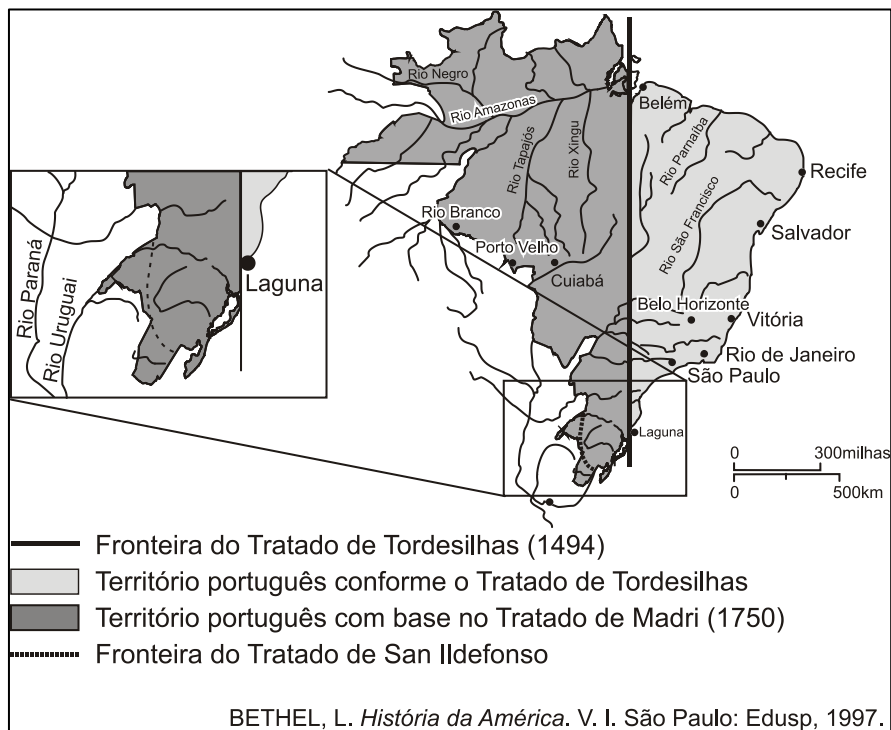
Hoje em dia, nas grandes cidades, enterrar os mortos é uma prática quase íntima, que diz respeito apenas à família. A menos, é claro, que se trate de uma personalidade conhecida. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Para um historiador, os sepultamentos são uma fonte de informações importantes para que se compreenda, por exemplo, a vida política das sociedades.

No que se refere às práticas sociais ligadas aos sepultamentos,

- A) na Grécia Antiga, as cerimônias fúnebres eram desvalorizadas, porque o mais importante era a democracia experimentada pelos vivos.
- B) na Idade Média, a Igreja tinha pouca influência sobre os rituais fúnebres, preocupando-se mais com a salvação da alma.
- C) no Brasil colônia, o sepultamento dos mortos nas igrejas era regido pela observância da hierarquia social.
- D) na época da Reforma, o catolicismo condenou os excessos de gastos que a burguesia fazia para sepultar seus mortos.
- E) no período posterior à Revolução Francesa, devido as grandes perturbações sociais, abandona-se a prática do luto.



39.



As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, identificados no mapa, conclui-se que

- A) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do rio Amazonas.
- B) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.
- C) o Tratado de Madri reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.
- D) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.
- E) o Tratado de Madri criou a divisão administrativa da América Portuguesa em Vice-Reinos Oriental e Ocidental.

40.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens.



FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que:

- A) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.
- B) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.
- C) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.
- D) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.
- E) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

41.

No final do século XVI, na Bahia, Guiomar de Oliveira denunciou Antônia Nóbrega à Inquisição. Segundo o depoimento, esta lhe dava “uns pós não sabe de quê, e outros pós de osso de finado, os quais pós ela confessante deu a beber em vinho ao dito seu marido para ser seu amigo e serem bem-casados, e que todas estas coisas fez tendo-lhe dito a dita Antônia e ensinado que eram coisas diabólicas e que os diabos lha ensinaram”.

ARAÚJO, E. O teatro dos vícios. *Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*.
Brasília: UnB/José Olympio, 1997.

Do ponto de vista da Inquisição,

- A) o problema dos métodos citados no trecho residia na dissimulação, que acabava por enganar o enfeitado.
- B) o diabo era um concorrente poderoso da autoridade da Igreja e somente a justiça do fogo poderia eliminá-lo.
- C) os ingredientes em decomposição das poções mágicas eram condenados porque afetavam a saúde da população.
- D) as feiticeiras representavam séria ameaça à sociedade, pois eram perceptíveis suas tendências feministas.
- E) os cristãos deviam preservar a instituição do casamento recorrendo exclusivamente aos ensinamentos da Igreja.

42.

Quando tomaram a Bahia, em 1624-5, os holandeses promoveram também o bloqueio naval de Benguela e Luanda, na costa africana. Em 1637, Nassau enviou uma frota do Recife para capturar São Jorge da Mina, entreposto português de comércio do ouro e de escravos no litoral africano (atual Gana). Luanda, Benguela e São Tomé caíram nas mãos dos holandeses entre agosto e novembro de 1641. A captura dos dois polos da economia de plantações mostrava-se indispensável para o implemento da atividade açucareira.



ALENCASTRO, L. F. Com quantos escravos se constrói um país? In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 4, nº 39, dez. 2008 (adaptado).

Os polos econômicos aos quais se refere o texto são:

- A) as zonas comerciais americanas e as zonas agrícolas africanas.
- B) as zonas comerciais africanas e as zonas de transformação e melhoramento americanas.
- C) as zonas de minifúndios americanas e as zonas comerciais africanas.
- D) as zonas manufatureiras americanas e as zonas de entreposto africano no caminho para Europa.
- E) as zonas produtoras escravistas americanas e as zonas africanas reprodutoras de escravos.

43.

No princípio do século XVII, era bem insignificante e quase miserável a Vila de São Paulo. João de Laet davalhe 200 habitantes, entre portugueses e mestiços, em 100 casas; a Câmara, em 1606, informava que eram 190 os moradores, dos quais 65 andavam homiziados*.

*homiziados: escondidos da justiça

Nelson Werneck Sodré. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

Na época da invasão holandesa, Olinda era a capital e a cidade mais rica de Pernambuco. Cerca de 10% da população, calculada em aproximadamente 2.000 pessoas, dedicavam-se ao comércio, com o qual muita gente fazia fortuna. Cronistas da época afirmavam que os habitantes ricos de Olinda viviam no maior luxo.

Hildegard Féist. *Pequena história do Brasil holandês*. São Paulo: Moderna, 1998 (com adaptações).

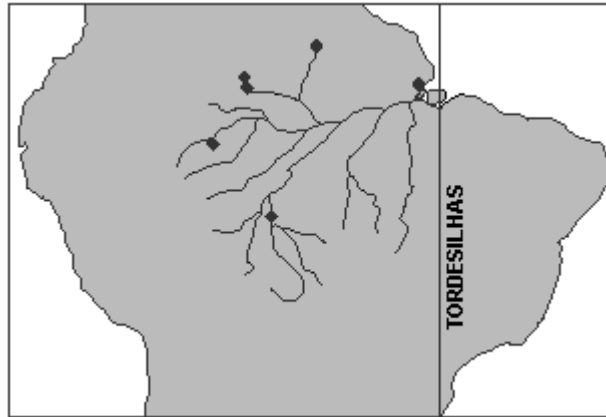
Os textos apresentados retratam, respectivamente, São Paulo e Olinda no início do século XVII, quando Olinda era maior e mais rica. São Paulo é, atualmente, a maior metrópole brasileira e uma das maiores do planeta. Essa mudança deveu-se, essencialmente, ao seguinte fator econômico:

- A) maior desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar no planalto de Piratininga do que na Zona da Mata Nordeste.
- B) atraso no desenvolvimento econômico da região de Olinda e Recife, associado à escravidão, inexistente em São Paulo.
- C) avanço da construção naval em São Paulo, favorecido pelo comércio dessa cidade com as Índias.
- D) desenvolvimento sucessivo da economia mineradora, cafeicultora e industrial no Sudeste.
- E) destruição do sistema produtivo de algodão em Pernambuco quando da ocupação holandesa.



44.

O mapa a seguir apresenta parte do contorno da América do Sul destacando a bacia amazônica. Os pontos assinalados representam fortificações militares instaladas no século XVIII pelos portugueses. A linha indica o Tratado de Tordesilhas revogado pelo Tratado de Madri, apenas em 1750.



Adaptado de Carlos de Meira Mattos. *Geopolítica e teoria de fronteiras*.

Pode-se afirmar que a construção dos fortes pelos portugueses visava, principalmente, dominar:

- A) militarmente a bacia hidrográfica do Amazonas.
- B) economicamente as grandes rotas comerciais.
- C) as fronteiras entre nações indígenas.
- D) o escoamento da produção agrícola.
- E) o potencial de pesca da região.

45.

Jean de Léry viveu na França na segunda metade do século XVI, época em que as chamadas guerras de religião opuseram católicos e protestantes. No texto a seguir, ele relata o cerco da cidade de Sancerre por tropas católicas.

(...) desde que os canhões começaram a atirar sobre nós com maior frequência, tornou-se necessário que todos dormissem nas casernas. Eu logo providenciei para mim um leito feito de um lençol atado pelas suas duas pontas e assim fiquei suspenso no ar, à maneira dos selvagens americanos (entre os quais eu estive durante dez meses) o que foi imediatamente imitado por todos os nossos soldados. De tal maneira que a caserna logo ficou cheia deles. Aqueles que dormiram assim puderam confirmar o quanto esta maneira é apropriada tanto para evitar os vermes quanto para manter as roupas limpas (...).

Neste texto, Jean de Léry



- A) despreza a cultura e rejeita o patrimônio dos indígenas americanos.
- B) revela-se constrangido por ter de recorrer a um invento de "selvagens".
- C) reconhece a superioridade das sociedades indígenas americanas com relação aos europeus.
- D) valoriza o patrimônio cultural dos indígenas americanos, adaptando-o às suas necessidades.
- E) valoriza os costumes dos indígenas americanos porque eles também eram perseguidos pelos católicos.

46.

Rui Guerra e Chico Buarque de Holanda escreveram uma peça para teatro chamada "Calabar", pondo em dúvida a reputação de traidor que foi atribuída a Calabar, pernambucano que ajudou decisivamente os holandeses na invasão do Nordeste brasileiro, em 1632.

- Calabar traiu o Brasil que ainda não existia? Traiu Portugal, nação que explorava a colônia onde Calabar havia nascido? Calabar, mulato em uma sociedade escravista e discriminatória, traiu a elite branca?

Os textos referem-se também a esta personagem.

Texto I:

"... dos males que causou à Pátria, a História, a inflexível História, lhe chamará infiel, desertor e traidor, por todos os séculos"

Visconde de Porto Seguro, in: SOUZA JÚNIOR, A. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1949.

Texto II

"Sertanista experimentado, em 1627 procurava as minas de Belchior Dias com a gente da Casa da Torre; ajudara Matias de Albuquerque na defesa do Arraial, onde fora ferido, e desertara em consequência de vários crimes praticados..." (os crimes referidos são o de contrabando e roubo).

CALMON P. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Pode-se afirmar que:

- A) A peça e os textos abordam a temática de maneira parcial e chegam às mesmas conclusões.



- B) A peça e o texto I refletem uma postura tolerante com relação à suposta traição de Calabar, e o texto II mostra uma posição contrária à atitude de Calabar.
- C) Os textos I e II mostram uma postura contrária à atitude de Calabar, e a peça demonstra uma posição indiferente em relação ao seu suposto ato de traição.
- D) A peça e o texto II são neutros com relação à suposta traição de Calabar, ao contrário do texto I, que condena a atitude de Calabar.
- E) A peça questiona a validade da reputação de traidor que o texto I atribui a Calabar, enquanto o texto II descreve ações positivas e negativas dessa personagem.





- | | | |
|-------------------|-------------------|-------------------|
| 1. Alternativa A | 17. Alternativa A | 33. Alternativa D |
| 2. Alternativa A | 18. Alternativa A | 34. Alternativa B |
| 3. Alternativa D | 19. Alternativa A | 35. Alternativa A |
| 4. Alternativa C | 20. Alternativa B | 36. Alternativa A |
| 5. Alternativa D | 21. Alternativa C | 37. Alternativa C |
| 6. Alternativa A | 22. Alternativa E | 38. Alternativa C |
| 7. Alternativa A | 23. Alternativa E | 39. Alternativa C |
| 8. Alternativa D | 24. Alternativa A | 40. Alternativa A |
| 9. Alternativa C | 25. Alternativa C | 41. Alternativa E |
| 10. Alternativa A | 26. Alternativa D | 42. Alternativa E |
| 11. Alternativa E | 27. Alternativa B | 43. Alternativa D |
| 12. Alternativa B | 28. Alternativa A | 44. Alternativa A |
| 13. Alternativa B | 29. Alternativa E | 45. Alternativa D |
| 14. Alternativa A | 30. Alternativa D | 46. Alternativa E |
| 15. Alternativa E | 31. Alternativa C | |
| 16. Alternativa D | 32. Alternativa E | |



11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Muito bem querido(a) concurseiro. Se chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não esqueça dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcançá-los. Sonhe alto, pois “quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar”. Te encontro na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.